



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**INSTITUTO DE CULTURA E ARTE**  
**CURSO DE JORNALISMO**

**ERIC ASSUNÇÃO GONDIM VIANA**  
**GLENDIA GABRIELLE VALVERDE MARTINS**

**GETÚLIO NAS ONDAS DO RÁDIO**

**FORTALEZA**

**2022**

ERIC ASSUNÇÃO GONDIM VIANA  
GLENDIA GABRIELLE VALVERDE MARTINS

GETÚLIO NAS ONDAS DO RÁDIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará como requisito básico para a conclusão do curso de Graduação em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Aparecida de Sousa

FORTALEZA

2022

---

Página reservada para ficha catalográfica.

---

## GETÚLIO NAS ONDAS DO RÁDIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará como requisito básico para a conclusão do curso de Graduação em Comunicação Social – Jornalismo.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

## BANCA EXAMINADORA

---

Profª. Dra. Maria Aparecida de Sousa (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Me. Raimundo Nonato de Lima  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profª. Ma. Kátia Regina Azevedo Patrocínio  
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

**DEDICATÓRIA**

Dedicamos aos nossos familiares.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Flávio e Virgínia, por estarem sempre por perto e por conferirem, mais do que qualquer herança, o amor pela música; e ao Iago, por ser sempre cobaia das minhas piadas e maiores brincadeiras.

À família Assunção, por ser parte fundamental do que prezo e pelo que me tornei.

Aos Frangos, Lagartos e, principalmente, a Lucas, Mateus e João, por estarem numa recíproca amizade e por proporcionar momentos leves e inesquecíveis

À orientadora Cida de Sousa, por toda a atenção, carinho, cobrança e vontade de ver um trabalho que esteja à altura de sua qualidade e prestígio construídos ao longo dos anos na UFC e no jornalismo em geral.

À professora Kátia Patrocínio, por ser uma das principais responsáveis pela primeira chama que se materializou neste trabalho.

Ao Fortaleza Esporte Clube, por ser a paixão mundana que me mantém ciente de que as minhas emoções estão em dia.

*Eric Viana*

## AGRADECIMENTOS

Ao Pai Celestial pela benção de poder estudar e por meus pais sempre fazerem o possível e impossível para me ajudar.

Pela minha orientadora Cida, que me inspira e para mim é um grande exemplo.

Pela minha irmã Babeth e minha tia do coração Maria Vânia, que uniram-se possibilitando-me a realização deste sonho.

Ao meu irmão Luiz Gustavo e ao meu cunhado Gustavo por estarem sempre ao meu lado fortalecendo-me e muitas vezes colocando os meus sonhos em primeiro lugar.

Gratidão e amor definem essa conquista, a qual dedico a vocês.

***Glenda Valverde***

## AGRADECIMENTOS

A todos que estiveram presentes em cada um dos passos que nos levaram a concretização deste trabalho.

Ao diretor da Rádio Universitária, Nonato Lima, que nos deu suporte para a realização da gravação e edição deste projeto no estúdio da rádio.

A toda a equipe de funcionários da Rádio Universitária: Everardo Sousa, Fernando Maia, Nelson Augusto, Joana d'Arc e em especial o querido Igor Vieira, que foi solícito, admirável e paciente, com um apoio técnico fantástico durante a elaboração do trabalho.

As nossas fontes, Nirez e Wagner Castro, que contribuíram de com excelência a este projeto.

A banca examinadora que aceitou participar deste momento especial de nossa graduação.

*Eric Viana e Glenda Valverde*

"Quem trabalha é quem tem razão." (Wilson Batista e Aaulfo Alves).

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b>	<b>11</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>12</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>1.ETAPAS DE ELABORAÇÃO DO TRABALHO</b>	<b>15</b>
1.1. Pré-produção	16
1.2. Produção	17
1.3. Pós-produção	20
<b>2.CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>21</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>22</b>
<b>APÊNDICE</b>	<b>25</b>
APÊNDICE A - Lista de perguntas aplicadas as fontes	25
APÊNDICE B - Transcrição das respostas de cada fonte	27
APÊNDICE C - Roteiro	44

## RESUMO

Getúlio Dornelles Vargas foi a pessoa que mais tempo governou o Brasil desde a Proclamação da República. Na soma de seus mandatos, foram 19 anos chefiando o país. Uma característica de Vargas é sua habilidade de comunicar, da forma apropriada, para os mais diferentes grupos. O programa “**Getúlio nas Ondas do Rádio**” busca compreender como o Governo do gaúcho usava a comunicação e as músicas para legitimar não só seu mandato, estabelecido de forma antidemocrática, mas também para validar os ideais do seu governo, em especial, o trabalhismo. O presente trabalho é composto por uma radiorevista dividida em dois blocos distintos: "Getúlio Vargas: O Retrato do Velho Ecoou Pelo Brasil" e "Música e Trabalhismo: Pilares de um Governo". Por fim, concluímos que a comunicação foi um elemento fundamental para a construção da imagem de Getúlio como líder legítimo da nação e, como consequência, conseguiu elegê-lo no pleito de 1950, em que, democraticamente, foi aclamado presidente nos braços do povo.

**Palavras-chave:** Getúlio Vargas; Estado Novo; radiorevista.

## ABSTRACT

Getúlio Dornelles Vargas was the person that the longest ruled Brazil, since the Proclamation of the Republic. In the sum of his mandates, it was 19 years as the head of government. One of his characteristics was his appropriate skill to communicate with different groups. The radio program "Getúlio nas Ondas do Rádio" tries to understand how the gaúcho government used communication and songs in order to legitimate not only his mandate, undemocratically established, but also to validate the ideals of his government, in special, the labor movement. This paper is composed of a radio magazine divided into two distinct blocks: "Getúlio Vargas: o retrato do velho ecoou pelo Brasil and música e trabalhismo: Pilares de um governo". Finally, we conclude that communication was a fundamental element for construction of Getúlio's image as a genuine leader of the nation, and as a consequence, managed to elect him in the 1950's lawsuit, and this time, he was democratically acclaimed president in the arms of the people.

**Keywords:** Getúlio Vargas; Estado Novo; radio magazine.

## INTRODUÇÃO

Getúlio Dornelles Vargas foi o 14º presidente da história republicana do Brasil. Gaúcho de São Borja, desde o começo da sua vida adulta, frequentou a política. Foi eleito Deputado Estadual, Deputado Federal e Governador (à época com título de Presidente do Estado) do Rio Grande do Sul. Entre 1926 e 1927, foi Ministro da Fazenda no Governo Washington Luís.

Nas eleições presidenciais de 1930, Vargas concorreu contra o paulista Júlio Prestes. Nas urnas, oficialmente, foi derrotado pelo seu adversário. No entanto, crente que tinha sido vítima de um pleito fraudulento, Getúlio e seus apoiadores iniciaram um movimento golpista para usurpar o poder em Outubro daquele ano. No dia 24, os generais Tasso Fragoso e Mena Barreto e o almirante Isaías de Noronha depuseram o então presidente Washington Luís e governaram até o dia 3 de Novembro, quando Vargas chegou ao Distrito Federal, vindo de trem desde o Rio Grande do Sul. Do Palácio do Catete, lar presidencial, só iria sair em 1945, 15 anos depois.

Tomando o controle do poder por meio de um golpe cívico-militar após uma eleição em que, oficialmente, foi derrotado nas urnas, Getúlio Vargas precisava de legitimação popular para ter estabilidade em seu Governo. O meio achado para a realização desse feito foi a comunicação com as camadas menos abastadas da sociedade. O seu trunfo foi encontrado, seja por entendimento próprio ou por inspiração em governos internacionais igualmente antidemocráticos, no rádio. O meio estreou no Brasil em 7 de Setembro de 1922, em meio às celebrações do Centenário da Independência. Em 1930, já tinha quase 10 anos de existência e, durante esta década e, principalmente, na seguinte, foi o canal direto de Vargas para conversar com a população.

O principal legado da Era Vargas para a comunicação brasileira foi o programa Hora do Brasil. Veiculado pela primeira vez em julho de 1935, já no segundo momento do Varguismo (1934-37), o programa era o porta-voz oficial do regime Dividida em 2 blocos, a atração tinha como objetivo trazer:

“...uma informação oficial, uma prestação de contas do governo ao povo, em que a narrativa pura e simples dos atos e iniciativas através da autoridade se torna o melhor e mais convincente elogio do regime.” (TOTA, 1991, p.37).

Com duração de 1 hora e 15 minutos, metade do tempo era dedicado às notícias enaltecidas do Varguismo e a outra metade trazia números musicais dos mais renomados artistas do país.

A relevância deste trabalho encontra-se no fato de a Era Vargas ser a estreia do uso efetivo da comunicação como uma estratégia de Governo no Brasil. Nos seus primeiros 15 anos no Palácio do Catete, Getúlio conseguiu que o seu Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) fosse o órgão que consolidasse a imagem do governante do país e forjasse o símbolo de "Pai dos Pobres" ao ditador. Para além de entender como o culto à personalidade do gaúcho foi sustentado, este produto também aborda a importância da cultura popular, principalmente da música, para defender o presidente e os seus ideais políticos. As marchinhas e sambas, que à época eram os ritmos que mais eram consumidos pelos brasileiros, foram totalmente aparelhados pelo regime, chegando ao ponto de censuras serem impostas aos compositores que fossem de encontro aos princípios morais do Estado, principalmente o trabalhismo.

Temos, como objetivo deste trabalho, entender como se dava a comunicação no Governo de Getúlio Vargas, pessoa que por mais tempo governou o Brasil desde a proclamação da república. Por meio das leituras feitas, promovemos um produto radiofônico capaz de sintetizar, de forma dinâmica, como se dava a relação entre Vargas e os meios sonoros de comunicação.

Para ilustrar como se dava a comunicação na Era Vargas e apresentar os conceitos envolvidos na relação presidência/público, escolhemos o formato de radiorevista, dividindo-a em 2 blocos temáticos. O primeiro aborda a relação de Getúlio Vargas e a sua consolidação como chefe maior do Estado por meio do rádio e da comunicação. No segundo, desenvolvemos sobre como o maior pilar do Varguismo, o trabalhismo, era

defendido através de músicas e do programa Hora do Brasil, canal direto entre Governo e população.

## 1. ETAPAS DE ELABORAÇÃO DO TRABALHO

O rádio é um brilhante meio de comunicação, acessível e com características únicas, ele veicula informações dos mais diversificados temas, com simplicidade, objetividade, clareza e dinamismo. O rádio tem o poder de se adaptar, como a autora Magaly Prado (2012) destaca, “o rádio é o veículo do tempo por excelência”, e por conta disso, se dá a sua existência até os dias de hoje.

O aluno Eric Viana sempre demonstrou interesse por marchinhas e sambas. Ao assistir os espetáculos teatrais "Sassaricando: O Rio Inventou A Marchinha" e "É Com Esse Que Eu Vou: O Samba de Carnaval nas Ruas e no Salão", ambos idealizados por Sérgio Cabral Pai, um dos maiores conhecedores da música brasileira e, Rosa Maria Araújo, historiadora carioca, achou muito curioso o fato de diversas canções estarem ligadas à história do Brasil e, em especial, à figura de Getúlio Vargas. O envolvimento entre os assuntos gerou um interesse e começou a procurar sobre o tema e consumir conteúdos que falassem sobre a relação entre Getúlio, a música e, como analisado após as leituras, o rádio. Na cadeira de Pesquisa em Comunicação e Jornalismo, a professora Cida de Souza foi convidada para orientação do trabalho, tendo em vista seu grande conhecimento e familiaridade com o rádio e as demais mídias sonoras. Com a aceitação do convite, foi dado início ao trabalho.

No semestre letivo 2021.2, em uma reunião rotineira de orientação, o trabalho, que *a priori* estava sendo construído para tomar a forma de uma monografia, Eric comenta com a professora Cida que tem interesse de mudar o formato do TCC para um produto sonoro, tendo em vista que o tema poderia ser trabalhado de uma maneira mais eficiente se feito gravado, já que o tema envolve músicas e rádio. A proposta foi prontamente aceita pela orientadora. Durante a mesma reunião, Glenda, que no presente momento estava construindo outro trabalho, também com a orientação de Cida, demonstra interesse pela temática. Após o encerramento da reunião, Glenda pergunta à Cida se seria interessante

realizar o trabalho em dupla com Eric, pois o andamento do projeto individual de Glenda não estava tendo o andamento esperado. A orientadora entrou em contato com o aluno e apresentou a ideia, que foi aceita imediatamente. A partir daí, os alunos entraram em contato e começaram a produção da radiorevista “Getúlio nas Ondas do Rádio”. Com os dois alunos alinhados e trabalhando no mesmo projeto, passamos a ser um conjunto.

O interesse de realizar um projeto no formato radiofônico, deu-se pela nossa identificação com o rádio. O processo de produção de “Getúlio nas Ondas do Rádio” foi um minucioso trabalho de apanhado histórico, que iniciou-se a partir da leitura da trilogia biográfica Getúlio, de Lira Neto. Portanto, a metodologia aplicada ao trabalho foi a pesquisa de caráter exploratório, já que envolve um levantamento bibliográfico relacionado aos conceitos teóricos do período do Estado Novo, de Getúlio Vargas, do rádio e da produção de uma radiorevista.

### **1.1.Pré-produção**

Para fundamentarmos o nosso roteiro, iniciamos uma pesquisa nos seguintes conceitos envolvidos em nossa temática: o rádio como ferramenta política, os valores defendidos pelo Estado Novo enquanto ditadura com inclinações fascistas nos anos 1930 e 1940, a importância do Hora do Brasil enquanto canal de comunicação direto e mais efetivo do Governo Federal brasileiro e sua população e a utilização de meios artísticos, principalmente o musical, para a propagação dos ideais do regime.

Também realizamos a escolha do suporte adotado em nosso trabalho, a radiorevista ou programa de variedades, pois permite abordar assuntos de maneira informativa, dinâmica e crítica. Ferraretto (2001) divide os programas de rádio em dois grupos, informativos e de entretenimento. Nos de gênero informativo estão o noticiário, programa de entrevista, programa de opinião, a mesa-redonda e o documentário. Enquanto nos de gênero de entretenimento estão o programa humorístico, a dramatização, o programa de auditório e o programa musical. Vale ressaltar que segundo Ferraretto (2001):

Na realidade, a radiorevista ou programa de variedades reúne aspectos informativos e de entretenimento. Engloba prestação de serviços à execução de músicas, passando por temas diversificados como notícias policiais

sensacionalistas, horóscopo ou entrevistas com atores e atrizes de telenovelas. (FERRARETTO, 2001, p.57).

Por realizar essa junção de entretenimento e informação, a radiorrevista foi o formato ideal para o nosso trabalho. Além de utilizar informações históricas, pensamos neste momento em intercalar com as músicas voltadas ao assunto abordado, já que toda a nossa ideia partiu da escuta de marchinhas e sambas.

Em seguida, partimos para a escolha dos entrevistados. Inicialmente pensamos no escritor e jornalista Lira Neto, pois foi o autor que utilizamos para introduzir a nossa leitura sobre o tema. E o segundo entrevistado foi o historiador e pesquisador Miguel Ângelo de Azevedo, mais conhecido como Nirez, por sugestão de nossa orientadora. No entanto, tivemos uma dificuldade em entrar em contato com Lira Neto, pois não tínhamos o número de telefone, mas a professora Cida conseguiu e nos passou. Após enviar mensagens e realizar ligações a Lira Neto, infelizmente recebemos a resposta de que ele não poderia aceitar o nosso convite. Levamos este assunto à reunião de orientação e surgiu a sugestão de um novo nome, o historiador e professor Wagner Castro. Em suma, os dois entrevistados que aceitaram nosso convite para participar foram Nirez e Wagner Castro, e o principal fator para a escolha deles foi a familiaridade e expertise no tema.

## **1.2. Produção**

A produção da radiorrevista partiu do pressuposto da confirmação dos dois entrevistados. Então, iniciamos a elaboração das perguntas para Nirez e Wagner Castro, que estão disponíveis no APÊNDICE A. Realizamos a marcação da entrevista com Nirez, no estúdio da Rádio Universitária, emissora ligada à Universidade Federal do Ceará (UFC), no dia 09 de dezembro de 2021. No entanto, infelizmente Nirez não pode comparecer, pois aconteceu um imprevisto. Então nossa alternativa encontrada foi enviar um arquivo com as perguntas a serem respondidas através de áudios na plataforma Whatsapp. Com Wagner Castro também enviamos as perguntas por Whatsapp, pois ele não estava em Fortaleza. É importante ressaltar que orientamos os dois entrevistados a respeito de algumas dicas na gravação do áudio, como por exemplo, usar um fone de ouvido com microfone ou evitar um local com muito ruído. Em 16 de dezembro de 2021, recebemos os áudios com as respostas

do Nirez, e, em 22 de dezembro de 2021, recebemos o retorno de Wagner pelo Whatsapp, com as suas respostas.

A partir desse momento, iniciamos mais um processo na produção do nosso trabalho. Começamos a fazer a transcrição das respostas dos dois entrevistados, ela está disponível no APÊNDICE B. Em seguida, fomos desenvolvendo o roteiro do programa.

Para a produção do roteiro, foi necessária a escolha de composições, levando em consideração que a musicalidade é essencial para o produto. As escolhidas foram as seguintes: Cantores do Rádio, de João de Barro, Alberto Ribeiro e Lamartine Babo; Aquarela do Brasil, de Ary Barroso; Quem É O Tal, de João Petra de Barros; Retrato do Velho, de Haroldo Lobo e Marino Pinto; A Voz de Morro, de Zé Ketí; Bonde São Januário, de Wilson Batista e Aaulfo Alves; O Que Será De Mim, de Ismael Silva; Eu Trabalhei, de Jorge Faraj e Roberto Roberti; Pedreiro Waldemar, de Wilson Batista e Roberto Martins; Zé Marmita, de Brasinha e Luiz Antonio; Barnabé, de Haroldo Barbosa e Antônio Almeida; Tenha Pena De Mim, de Ciro de Sousa e Babau; Falta Um Zero No Meu Ordenado, de Ary Barroso e Benedito Lacerda; A Mulher Do Leiteiro, de Haroldo Lobo e Milton de Oliveira.

Além disso, durante a escrita do roteiro, tivemos o cuidado de escrever todos os números que utilizamos grafados por extenso para ajudar na leitura durante a locução. Também utilizamos o negrito e ressaltar o nome do programa, as músicas e os seus compositores e intérpretes.

Ainda no processo de construção do roteiro, debatemos, juntamente com a professora Cida, o uso do termo "revolução", comumente usado para se referir ao Movimento de 1930, inclusive por Nirez. No entanto, baseando-se no conceito marxista, o processo revolucionário só aconteceria quando houvesse uma ruptura com a ordem política, social e econômica, conferindo um novo processo das relações sociais, assegurando a liberdade e a igualdade entre os pares. Levando em consideração o Governo de Getúlio Vargas, não existiu uma revolução no Brasil, de acordo com os conceitos de Marx.

A narração juntamente com as músicas precisam estar em sintonia para dar sentido a mensagem. Com o roteiro finalizado, disponível no APÊNDICE C, marcamos uma reunião de orientação para a leitura e correção em alguns trechos. Também, fizemos a escolha do nome da radiorrevista, com sugestões de nossa orientadora e algumas ideias da dupla, chegamos ao nome “Getúlio Nas Ondas Do Rádio”.

A seguir, com apoio do professor e coordenador da Rádio, Nonato Lima, realizamos a marcação no estúdio da Rádio Universitária para gravarmos o nosso produto no dia 19 de Janeiro de 2022. Destaca-se que, na semana anterior, Eric Viana positivou para Covid-19, o que impossibilitou sua presença no local, mas participou e fez a gravação de suas falas por chamada de vídeo. No dia 24 de Janeiro de 2022, fomos ao estúdio da Rádio Universitária, para a edição do produto. Porém, como estávamos os dois no local, o técnico responsável pela nossa gravação e edição, Everardo Sousa, sugeriu que gravássemos novamente, e assim fizemos. Além disso, também contamos com a presença on-line da professora Cida de Sousa, que nos orientou durante a gravação.

O programa foi dividido em dois blocos temáticos: o primeiro, "Getúlio Vargas: O Retrato do Velho Ecoou no Brasil", trata da relação de Vargas, enquanto mandatário da nação, e do rádio. Nele, abordamos como o Governo que não foi eleito democraticamente conseguiu se legitimar através da comunicação e, principalmente, por meio do rádio. Getúlio, enquanto chefe do país e em um Governo com inclinações nazifascistas, promoveu, além dos seus ideais, um culto à própria personalidade. Como resultado das suas estratégias comunicacionais, governou o país durante 15 anos e, em 1950, de forma democrática, o que não aconteceu na sua primeira Era, voltou ao poder como "Pai dos Pobres" e nos braços do povo.

No segundo bloco, "Música e Trabalhismo: Marcas de um Governo", tratamos como o principal valor do Varguismo, o Trabalhismo, foi abordado em músicas e na comunicação geral do Estado. Sendo o primeiro presidente a, efetivamente, usar o populismo como estratégia de governo, Vargas promoveu, financeiramente, artistas a comporem a favor do trabalhismo e dos ideais varguistas. Em contrapartida, a situação dos

trabalhadores, que nunca foi a ideal, não podia ser criticada, pois a máquina pública, em especial o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), usava da censura para evitar composições contrárias aos ideais defendidos.

### 1.3. Pós-produção

A pós-produção teve como primeira etapa o corte das sonoras das nossas fontes e dos áudios auxiliares, “Discurso de implantação do Estado-Novo” e o anúncio da morte de Getúlio no “Repórter Esso”, contabilizando no primeiro bloco 6 sonoras com 8 cortes e no segundo bloco 4 sonoras com 7 cortes. Em seguida, acompanhamos e orientamos nosso editor, Everardo Sousa, na edição da radiorevista. Também contamos com a ajuda do produtor musical da Rádio Universitária, Nelson Augusto. O produto foi editado no software Sony Vegas 7.0.

A principal dificuldade no que se refere à edição foi a escolha das faixas de background, conhecidas como BG's no jargão radiofônico. *A priori*, o do primeiro bloco seria Cantores do Rádio, interpretado pelas irmãs Aurora e Carmem Miranda, o do segundo, Voz do Morro, composta e cantada por Zé Keti. Durante o processo da edição, nós, Eric e Glenda, debatemos com o editor, Everardo, se as músicas cantadas eram realmente a melhor opção para colocar no programa. É importante frisar que utilizamos como trilha a música instrumental Aquarela do Brasil, de Ary Barroso, pois é considerada um samba exaltação, uma das características do Governo Vargas, exaltar a nacionalidade. Com o produto final já editado, realizamos a escuta e percebemos que alguns detalhes precisariam ser corrigidos para que o programa ficasse da maneira que tínhamos programado.

No dia 28 de Janeiro de 2022, voltamos aos estúdios da Rádio Universitária para a correção dos detalhes técnicos. Contamos com a presença física da professora Cida de Sousa e da ajuda do funcionário da rádio e publicitário Igor Vieira, que nos deu suporte nas correções realizadas

A radiorevista “Getúlio nas Ondas do Rádio” resultou em 53 minutos e 38 segundos. A primeira parte do programa com exatos 27 minutos e a segunda com 26

minutos e 38 segundos de duração. O programa foi disponibilizado na plataforma SoundCloud.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este produto visou expor, por meio de uma radiorevista, a maneira como Getúlio Vargas fez uso do rádio e da comunicação sonora para legitimar o seu Governo e consolidar a sua imagem como chefe legítimo da nação e presidente que mais fez pelas camadas menos abastadas da sociedade. Com o aparelhamento das emissoras de rádio e, principalmente após o golpe do Estado Novo, com a obrigatoriedade de transmissão do programa Hora do Brasil, Getúlio estava, diariamente, nas casas da população, por meio do rádio. Como o programa só veiculava notícias que fossem benéficas ao Varguismo, a população, que já via no gaúcho a personificação do "Pai dos Pobres", tinha em mente que Vargas era, realmente, a pessoa certa para comandar o país.

Conclui-se que Getúlio Vargas soube como usar o populismo para legitimar o seu Governo que foi iniciado por meio de um Golpe Cívico-Militar. Mesmo não sendo eleito democraticamente, o gaúcho conseguiu cair nas graças da população por meio de suas medidas extremamente populares entre os trabalhadores e, para os que não tinham ciência do que acontecia no mandato, fez uso do rádio, meio de comunicação mais popular e eficiente do momento, para consolidar o regime e ter o apoio popular para sustentar o seu Estado centralizador e ditatorial.

Por fim, vemos que Getúlio foi pioneiro na comunicação radiofônica eficiente no Brasil. Ele conseguiu elevar-se ao título de "Pai dos Pobres" e é tido, embora ditador, como um dos mais importantes presidentes da história do Brasil. Espera-se que, por meio deste trabalho, que o interesse na comunicação política e no uso do rádio como elemento de consolidação de regimes ditatoriais seja fomentado nos cursos de comunicação social. É preciso conhecer o que aconteceu na história, pois, como já dizia o filósofo Edmund Burke: "O povo que não conhece a sua história está fadado a repeti-la".

## REFERÊNCIAS

ALVES, A.; BATISTA, W. **Bonde de São Januário**. Intérprete: Cyro Monteiro, 1937. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=317j79MFyCY&t=134s>.

BARBOSA, H.; ALMEIDA, A. **Barnabé**. Intérprete: Emilinha Borba, 1947. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HhswV1Ks9gE>. Acesso em: 26 de Janeiro de 2022.

BARROSO, A. **Aquarela do Brasil**. Intérprete: Ary Barroso, 1939. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H-y8TS7jbpY>. Acesso em: 26 de Janeiro de 2022.

BARROSO, A; LACERDA, B. **Falta um zero no meu ordenado**. Intérprete: Francisco Alves, 1947. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IJBhNXg535U&t=60s>. Acesso em: 26 de Janeiro de 2022.

BATISTA, W.; MARTINS, R. **Pedreiro Waldemar**. Intérprete: Blecaute, 1949. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nj4zPYRYIOg>. Acesso em: 26 de Janeiro de 2022.

BRASINHA; ANTÔNIO, L. **Zé Marmita**. Intérprete: Marlene, 1953. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EzByMMYMheU>. Acesso em: 26 de Janeiro de 2022.

## CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA

**CONTEMPORÂNEA DO BRASIL**. Verbetes do Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro - DHBB. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb/faq>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

COELHO, Carla Araújo. **O ESTADO NOVO E A INTEGRAÇÃO DO SAMBA COMO EXPRESSÃO CULTURAL DA NACIONALIDADE**. Revista Vernáculo, v. 27, p. 33-66, 1.sem. 2011.

DE BARRO, J.; RIBEIRO, A.; BABO, L. **Cantores do rádio**. Intérprete: Carmen Miranda e Aurora Miranda, 1936. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x71VTBolZ58>. Acesso em: 26 de Janeiro de 2022.

DE FREITAS, P. C. **Programa encontro DX, gravação do Repórter Esso anunciando o suicídio de Getúlio Vargas**. Youtube, 6 de Dezembro, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AcAuXy8Prk>. Acesso em 10 de Janeiro de 2022.

DE OLIVEIRA, M.; LOBO, H. **A mulher do leiteiro**. Intérprete: Aracy de Almeida, 1942. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F7fS4cgPtbo>. Acesso em: 26 de Janeiro de 2022.

F.L. **Discurso do presidente de Getúlio Vargas na instalação do Estado Novo - Legendado**. Youtube, 24 de Maio, 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=yo6\\_OStkPVk](https://www.youtube.com/watch?v=yo6_OStkPVk). Acesso em 10 de Janeiro de 2022.

FERRARETTO, L. A. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. 2. ed. Porto Alegre: Sagra DC Luzzatto, 2001.

FERNANDES, Carla; CHAGAS, Genira. **Vozes em Harmonia no Estado Novo: A Música Popular Brasileira e o programa Hora do Brasil**. 10º Encontro Internacional de Música e Mídia, 2014.

BABAU; DE SOUSA, C. **Tenha pena de mim**. Intérprete: Aracy de Almeida, 1937. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eRGuZ28Jmw0>. Acesso em 26 de Janeiro de 2022.

KETI, Z. **A voz do morro**. Intérprete: Zé Ketí, 1956. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Csfmms2xGvk>. Acesso em: 26 de Janeiro de 2022.

LOBO, H.; PINTO, M. **Retrato do Velho**. Intérprete: Francisco Alves, 1950. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eVgOODBrCMc>. Acesso em: 26 de Janeiro de 2022.

NESDAN, U.; TEIXEIRA, A. **Quem é o tal**. Intérprete: João Petra de Barros, 1942. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7c1jkHAXOK4>. Acesso em: 26 de Janeiro de 2022.

NETO, Lira. **Getúlio (1882-1930): Dos anos de formação à conquista do poder**. São Paulo, Companhia das Letras, 2012

NETO, Lira. **Getúlio (1930-1945): Do Governo Provisório à Ditadura do Estado Novo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2013.

NETO, Lira. **Getúlio (1945-1954): Da volta pela consagração popular ao suicídio**. São Paulo, Companhia das Letras, 2017.

NETO, Lira. **Uma história do samba: As origens**. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

PARANHOS, Adalberto de Paula. **Os desafinados: Sambas e Bambas no “Estado Novo”**. PUC/SP. São Paulo, 2005.

PEROSA, Lilian Maria F. De Lima. **A Hora do Clique: Análise do Programa de Rádio *Voz do Brasil* da Velha à Nova República**. 1 ed. São Paulo: : ECA-USP, 1995.

PRADO, Magaly. **História do Rádio no Brasil**. São Paulo: Da Boa Prosa, 2012.

RIBEIRO, Andréa; BRITO, Fabiano; SILVA, Eliane Costa Da. **O Estado Novo, O Rádio e seus Órgãos Reguladores**. XXVI Congresso Brasileiro da Comunicação, Campo Grande, v. 26, set. 2001.

SIQUEIRA, Magno Bissoli. **Samba e Identidade Nacional: das origens à Era Vargas**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

SILVA, J. L. O. A. **Rádio**: oralidade mediatizada: o spot e os elementos da linguagem radiofônica. 2. ed. São Paulo: Annablume, 1999.

SILVA, I. **O que será de mim**. Intérprete: Francisco Alves e Mário Reis, 1931. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tb7FFKWiQus>. Acesso em: 26 de Janeiro de 2022.

TOTA, Antonio Pedro. **O Estado Novo**. 3 ed. São Paulo : : Brasiliense, 1991.

## APÊNDICE

### APÊNDICE A - LISTA DE PERGUNTAS APLICADAS AS FONTES

**1ª** - O movimento de 30 representou uma ruptura com o modelo republicano proclamado no Brasil em 1889. Mesmo com mais de 40 anos desde o fim da monarquia, pouco víamos, à época, uma unidade nacional no que se refere à cultura, à música e ao sentimento de ser brasileiro. Vargas entendeu que, para legitimar um Governo que tinha usurpado o poder, precisaria do apoio popular. De qual forma Vargas e seu Governo conseguiram passar a imagem de um mandatário disposto a unificar o sentimento de ser brasileiro?

**2ª** - A Era Vargas coincidiu, justamente, com o início do desenvolvimento do Rádio brasileiro, quando o caráter educativo do veículo abre espaço para um rádio mais rentável economicamente, proporcionando a entrada de grandes anunciantes e investidores, que, nos anos 40, seriam agentes importantes para o que ficou conhecido como Era de Ouro do Rádio.

Getúlio e o seu departamento de comunicação, que mais tarde viraria a ser o famoso DIP, entenderam o potencial do rádio para a propagação dos ideais do regime, culminando com o programa Hora do Brasil, atração diária e canal direto entre Governo e população.

Até aquele momento, nunca um chefe da nação esteve tão "perto" da população quanto Getúlio esteve. Como a mídia radiofônica e, especialmente, a Hora do Brasil, ajudaram não só a legitimar as conquistas do Varguismo, mas também para efetivar o presidente como chefe da nação e, como viria a ser conhecido posteriormente, o "Pai dos Pobres"?

**3ª** - O samba já era antes, foi durante a época de Vargas e continua até hoje em um lugar de destaque na música brasileira. Em pleno 2021, consideramos o samba como a marca maior da musicalidade brasileira. No entanto, o Governo Vargas, principalmente no Estado Novo, iniciado em 10 de Novembro de 1937, alçou o ritmo a símbolo nacional, inclusive patrocinando cantores que produzissem músicas com teor nacionalista e que exaltassem o trabalhismo. Até que ponto essa propagação dos ideais varguistas ajudou a legitimar o regime entre a base da população brasileira, camada para qual essas mensagens eram destinadas?

**4ª** - Além da fomentação das composições ufanistas, vimos, especialmente no Estado Novo, uma forte aplicação da censura. Nesse período, diversas músicas foram proibidas ou alteradas, como é o caso da emblemática Bonde São Januário, que *a priori* afirmava que o bonde levava "mais um sócio otário" e, após a intervenção do DIP, passou a transportar mais um operário que ia trabalhar. Como podemos mensurar a quantidade de músicas e outras peças culturais que foram alteradas pelo Varguismo?

**5ª** - Sabemos que o samba é plural em vários sentidos. Temos o samba canção, samba enredo... Mas, de todo modo, esses sambas retratam uma época em que a censura determinava o que poderia ser cantado. Nesse período, as próprias escolas de samba eram censuradas, não podiam entrar na avenida sem falar do trabalhismo e das demais pautas defendidas pelo regime. Como Getúlio Vargas utilizou o samba, que antes era marginalizado, para camuflar o seu autoritarismo e o que Vargas buscava com a utilização desse ritmo?

**6ª** - O samba-exaltação, como a Aquarela do Brasil, canção de Ary Barroso, foi uma das grandes marcas do Governo Vargas, que, por exemplo, exigia a defesa dos ideais nacionalistas nos desfiles carnavalescos. O que o governo almejava com essas composições de teor ufanista?

**7ª** - A gênese do que, em pleno século XXI, conhecemos por samba, é fruto da relação entre os vários ritmos que ecoavam na periferia do Distrito Federal no final do século XIX e início do XX. Além de beber de muitas fontes, o samba acabou se ramificando em diversos subgêneros, cada um com suas especificidades e utilizações. Como esses subgêneros surgiram e começaram a se popularizar?

**8ª** - Durante a ditadura do Estado Novo, a censura tinha vários aspectos. Haviam compositores e cantores, cuja as letras das músicas nem eram lidas, e sofriam censura. Como se instaurou, durante aquele período, a censura nas músicas?

9ª - Após a 2ª Guerra Mundial, Getúlio Vargas saiu do poder e, eleito democraticamente, Eurico Gaspar Dutra assumiu a presidência. Com o novo governo, a censura se torna mais branda e a partir daí compositores e letristas, que antes eram censurados pelo DIP, passam a abordar as questões proibidas anteriormente. Como os autores, que outrora eram censurados pelo DIP, abordaram as questões "proibidas" e quais obras podem ser citadas como exemplo?

## **APÊNDICE B- TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS DE CADA FONTE**

### **TRANSCRIÇÃO RESPOSTAS NIREZ**

#### **1. Áudio 01**

O Presidente Getúlio Vargas era muito bom de propaganda. Ele sabia como se dirigir ao povo e conhecia os caminhos pelos quais devia percorrer para agradar a população. Para início, ele colocando o novo modelo após a revolução de 1930, ele colocou representantes, interventores em cada Estado da federação, todos na escola dele, seguindo o que ele preconizava, e assim ele foi conquistando aos poucos a população. Primeiro, ele se dirigiu ao operariado, em todo discurso do Getúlio Vargas ele dizia “trabalhadores do Brasil”, ele nunca se referiu a outro tipo de gente que não fosse trabalhador. Então, ele achava que o trabalhador era o principal elemento da sociedade, e isso ajudou muito ele na conquista da popularidade. Em 1937, quando ele deu o golpe de Estado e estabeleceu o Estado Novo, consolidou mais ainda isso, porque ele passou a fazer, tomar algumas atitudes. Por exemplo, ele acabou com os partidos políticos, e isso conseqüentemente acabou com o integralismo e acabou com o comunismo. E acabou com as bandeiras estaduais, o país todo acabou sendo unificado junto com a sua única bandeira. Então o que representava o Brasil era o hino, a bandeira, mas tudo nacional, o escudo e as armas. Então isso foi fundamental para criar no povo brasileiro o sentimento de nacionalidade. Na época, através de seus interventores, ele estabeleceu através da educação nos colégios sempre cantar o hino nacional e sempre dar força ao patriotismo.

## 2. **Áudio 2**

Getúlio Vargas sempre gostou de música e de artistas. O Palácio do Catete sempre recebia artistas, e ele era amigo íntimo de muitos deles. As irmãs Batista, Linda e Dircinha, por exemplo, frequentavam diariamente o Palácio do Catete. Nas reuniões que ele tinha, sempre estavam presentes elementos ligados ao rádio. Ele gostava muito do rádio e sentia que através do rádio para se chegar ao público era um dos caminhos mais curtos, e em 1936 foi fundada a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, que era do Governo. Então foi um caminho muito usado por ele para chegar à população e através da música popular também. Ele quando criou o Departamento de Imprensa e Propaganda, o DIP, e em cada Estado foi fundado o DEIP. Então a censura, havia censura, mas naquele tempo não havia a oposição ferrenha que depois ocorreu em outros governos. O povo era mais, gostava mais do Governo. A oposição que ele tinha na realidade eram os integralistas e comunistas. Então esses não produziam música. A censura que houve na música foi quando a música transmitia algo contra, que ele, Getúlio, achava que era contra a educação que ele gostava, que ele preconizava. Então como exemplo daquele o “Bonde do São Januário leva mais um sócio otário sou eu que vou trabalhar”, isso aí é contra o trabalho né e ele, o Governo dele, era basicamente a favor do trabalho e principalmente do trabalhador. Antes do Getúlio Vargas, e eu tenho quase de um testemunho, porque meu pai trabalhava na Light, pintando bondes elétrico e ele trabalhava quase 18 horas por dia e foi Getúlio Vargas que trouxe a lei trabalhista e fez com que se trabalhasse somente oito horas por dia, que tivesse descanso semanal, tivesse férias, isso tudo vem com Vargas. Então o valor que ele deu ao trabalhador brasileiro e assim que ele conquistou o Brasil. E a Hora do Brasil, por exemplo, que era uma hora que ainda existe com outro nome, que é obrigatório do Governo para todas as outras emissoras de rádio retransmitirem, sempre foi um programa enfadonho, porque era só leitura de leis, mas a maioria da população gostava de ouvir, porque eles gostavam de Vargas, a população em geral gostava de Getúlio Vargas. E a população quanto mais pobre mais gostava das atitudes do Governo Vargas, por isso é que ele foi considerado o pai dos pobres.

### 3. **Áudio 3**

De fato, o samba foi muito explorado pela política de Vargas, mas naquela época nós tínhamos muitos outros ritmos e os dois principais, principalmente no carnaval, era o samba e a marcha, que hoje chamam de marchinha. Então esses dois ritmos foram bastante usados na época do Getúlio e ele usou a música como um caminho para sua política se estabilizar. O Estado Novo, depois de criar um símbolo de patriotismo com todo mundo, né, nas escolas, nas repartições públicas, todas as repartições tinham um retrato de Getúlio Vargas na parede, ele estava criando em torno dele o que os comunistas chamam de culto a personalidade. Então, ele era o ídolo implantado por ele mesmo. Quando ele implantou o Estado Novo e tirou a bandeira dos Estados e os símbolos regionais, acabou com as câmaras de vereadores, com as casas legislativas estaduais e implantou a ditadura com nome de Estado Novo, aí ele já tinha a certeza, já estava estabelecido, né. Isso era em 1937, e o trabalhismo dele estava em plena ascensão e os sambas, existiam muitos sambas que exaltavam as ideias de Getúlio “Eu trabalhei” “eu hoje tenho tudo isso que o homem quer... para chegar onde eu cheguei, eu trabalhei, trabalhei, trabalhei”, eram músicas que falavam do trabalho como uma coisa boa, como uma coisa satisfatória e o povo achava que era mesmo, porque o povo tinha saído de um governo anterior onde o trabalhador era praticamente um escravo. Então a liberdade que ele deu ao trabalhador ajudou muito na política de Getúlio, mas ele como ditador ficava um pouco mal visto, porque ditadura é ditadura, né, e existiam os maus elementos dentro do governo, dentro do próprio governo dele e dos governos estaduais que o representavam em cada Estado, mas isso acontece sempre.

### 4. **Áudio 4**

É verdade que o samba tinha várias vertentes, né. Existe o samba propriamente dito, existia batucada, o samba choro que era uma fusão dos dois ritmos: o choro e o samba, e surgiu durante o Governo o samba exaltação, talvez movido por esse sentimento patriótico que foi embutido, né, no Governo Vargas. O ideal é que se cantasse o Brasil, né, de uma maneira que a população gostasse e o Governo gostasse também. As escolas de samba, que surgiu em 1931, mais ou menos, naquela época até anos 50, elas não eram o que são hoje as escolas de sambas. Escolas de samba eram blocos que dançavam na avenida, movidos pela

música que cada uma tinha. Eram músicas que falavam de amor, músicas que falavam de traição, música comum brasileira. E os músicos daquela época eram flauta, pandeiro, saxofone, cavaquinho, bumbú, essas coisas. Então a escola de samba era totalmente diferente da escola de samba de hoje. As escolas de samba de hoje não vão instrumental, o instrumento que existe é somente a bateria. Os sambas enredos que surgiram nos anos 50, com letras quilométricas e de exaltação a determinados temas não existiu na década de 30 e 40. Então falar do trabalhismo e essa coisa toda veio depois, não veio na década de 30, que é praticamente a época do Getúlio Vargas, mas ele usou muito o samba do rádio, do disco para promover as ideias do seu Governo e as marchas também foram usadas muito, marchinhas que usavam nos carnavais, aliás, no carnaval a marcha tinha muito mais sucesso do que os sambas.

## 5. **Áudio 5**

O samba sempre existiu, vamos dizer assim, no século 20 ele já existia no início e não tinha, não era chamado assim de samba. No início do século 20, o samba era uma festa. Vamos para o samba, vamos sambar, sambar era dançar. Vamos para o samba, vamos para festa. A palavra samba como designativo de ritmo, só veio surgir no final da década de 1910. No começo do século, os sambistas trouxeram o ritmo da Bahia, que era um ritmo chamado baiano e esse baiano se transformou numa corrente no baião e na outra corrente no samba. A corrente que transformou-se no samba, foram os baianos que foram para o Rio de Janeiro, porque a maioria deles eram ex-soldados que combateram na guerra de Canudos e pediram autorização ao Governo para ocupar os morros, essa autorização foi dada e eles subiram o morro. Pouca gente sabe, mas aqueles morros do Rio de Janeiro, eles eram todos cheios de uma plantação chamada favela, era o nome da planta. Por isso, essas casas que foram construídas nesses morros é hoje chamada de favela. E até as casas onde não tem favela são chamadas também de favela. Então esse ritmo foi crescendo, se misturando com outros, principalmente com a polca, que era muito tocada no início do século, a shots e formou o Lundu e a miscigenação desses ritmos é o que formou o samba. Mas o samba era um ritmo considerado de segunda classe, né, os ritmos principais naquela época eram mazzuca, valsa, era a shots, as músicas de salão, enquanto que o samba era música da plebe. Mas foi progredindo durante a passagem dos anos e quando chegamos em 1915, 1916,

1917, já havia sambas com nome de samba, designados samba já na cultura popular e que eram bem aceitos pela sociedade em geral. Até que em 1917, nós tivemos o primeiro sucesso carnavalesco designado como samba que foi “Pelo Telefone”, foi sucesso em 1918, mesmo ano em que foi sucesso a marcha “A Baratinha”. Então, a partir daí, é que o samba tomou forma. Quem primeiro, quem fixou o samba praticamente foi Jota B da Silva, o Sinhô, que compôs muitos sambas, compunha outros ritmos, mas compunha principalmente samba e dava um ritmo todo especial, que era uma batida muito diferente da que se conhece hoje em dia. E assim foi fixado o samba, aí outros passaram a obedecer o mesmo tema e o mesmo ritmo, como José Francisco de Freitas e o samba foi progredindo. Quando foi em 1931/32, surgiram os compositores do bairro do Estácio, no Rio de Janeiro, com um novo tipo de samba, que era mais arredondado e surgiu aqueles Alcebíades Barcelos, Benedito Lacerda, Ismael Silva, esse pessoal que compunha e Chico Alves gravava, né, Francisco Alves. Então o samba tomou nova característica. Nessa época, o Donga teve uma discussão dizendo “isso não é mais samba, já tá parecido com marcha”, enquanto um outro dizia “não, o samba verdadeiro é esse do Senhor” e esse negócio de parecido com marcha é interessante porque se você ouvir hoje um samba exaltação de escola de samba, na verdade não é um samba é uma marcha, então ele até adivinhou o futuro. Essa foi a maneira de o samba evoluir, né. E com o tempo tudo evolui e ele também evoluiu. Os instrumentos mudam, foram criados alguns instrumentos e outros foram aniquilados. Não se usa mais a requinta, passou-se a usar a bateria, que não existia. Então é o progresso, o progresso vem mudando as coisas.

## **6. Áudio 6**

Getúlio Vargas tinha suas ideias nacionalistas muito arraigados e tanto o trabalhismo como essa questão da Bandeira e tal, isso tudo, ele baseou-se no Fascismo, então ela era meio fascista, e apesar de meio fascista, ele não gostava do integralismo e ele teve perto de 1937, com o Estado Novo, suas simpatias pelo Hitlerismo, é tanto que a farda do exército brasileiro, que era na cor caqui, aquele bege, ele mudou para o verde oliva, que era a cor da farda do exército alemão. Então ele tinha suas simpatias pelo Nazismo e pelo Fascismo. Com o início da Guerra, em 1939, com a invasão da Polônia por Hitler, a coisa ficou mais séria e a pessoa tinha que resolver de qual lado tinha que ficar, e os Estados

Unidos, que estavam do lado oposto ao do Hitler, achou de fazer comunia a toda a América em torno das sua ideias. E Roosevelt esteve até no Brasil e aqui praticamente deu de presente ao Brasil a fábrica de aço, né, essa que o Fernando Henrique se desfez por um pouco mais ou nada, e com isso eles compraram o Getúlio e o Getúlio passou abraçar a causa das Américas. Então nós passamos a fazer parte da política da boa vizinhança e o Getúlio continuou na presidência durante a guerra, houve a guerra e para ele entrar na guerra foi dureza, ele chegou até dizer que o Brasil, no dia que o Brasil entrar na guerra a “cobra vai fumar”, quer dizer, dizendo que era uma coisa impossível, a cobra não fuma. Então no dia que o Brasil entrar na guerra a cobra vai fumar. Resultado, quando houve o Estado de Guerra, os navios brasileiros começam a nascer torpedeados na costa e o povo entrou em ação, saíram quebrando tudo que era de loja de japonês, de alemão e de italiano e ele foi obrigado a cortar relações com a Alemanha e quando entrou na guerra juntamente ao lado dos americanos e que o Brasil entrou realmente na guerra, foi declarado o Estado de Beligerância, então o exército adotou o lema “a cobra está fumando”, em resposta o que ele tinha declarado, né. Então ele foi ditador até o fim da guerra. Quando a guerra terminou, em 1945, não havia mais condições de nenhum país da democracia ter ditador e por isso ele teve que cair. A queda do Vargas foi exatamente por isso, não havia mais possibilidade de ter um ditador à frente do Brasil e ele não podia se eleger porque ele era um ditador. Então houve a queda e o Dutra foi candidato. Ele apoiou Dutra, que era ministro da guerra no Governo dele e o Dutra foi candidato, teve o apoio do Getúlio, assumiu a presidência. A censura praticamente foi anulada, mas o Dutra foi um péssimo Presidente porque todo país no fim da guerra ele lucra, lucra em dólar uma determinada quantia que se chama reserva, né, e a reserva do Brasil o Dutra comprou toda de plástico aos Estados Unidos. Então a rua estava cheia, era cinturão feito de plástico, suspensório, carteira para dinheiro, tudo feito de matéria plástica, que era moda na época. Isso aí foi tudo, foi todo resultado do Governo Dutra.

## **TRANSCRIÇÃO RESPOSTAS WAGNER CASTRO**

### **1. Áudio 1**

Na verdade, essa ideia de identidade nacional, essa ideia de busca de uma identidade brasileira, isso é uma coisa bem anterior, né, que surgiu ali no meados do século

XIX, quando Dom Pedro Segundo, né, que foi educado para ser o rei, já que o avô dele Dom João Sexto não foi e nem Dom Pedro, o pai dele, né, mas ele foi educado. Ele reclamava muito disso, o que é que ele fez? Ele cria órgãos governamentais especialmente baseados na França, para ver se traz intelectuais, historiadores, sociólogos, filósofos e músicos, e assim integrados para compor ideia de identidade nacional. Você consegue ver isso legal naquele livro “As Barbas do Imperador”, da Lilia Schwarcz, né, certo. E então, a ideia, o problema, porque ali é a identidade brasileira, né, em pleno século XIX, se falava mais tupi guarani do que português, imagina só, né. Então havia essa necessidade, especialmente por causa das revoltas populares, cabanagem, balaiada e sabinada, houve essa ideia de unificação, né, de identidade. Não dava para identificar o negro, porque o negro não é daqui, digamos, e os portugueses também, obviamente, e os índios. Então a ideia foi de criar um símbolo indígena, várias pinturas foram feitas para simbolizar o índio como símbolo nacionalista, o próprio Dom Pedro Segundo foi fotografado, foi pintado, fotografado não, várias vezes, né, como Imperador, um garotinho vestido de Imperador, um garotinho tocando tambor, que é um instrumento indígena. Então essa primeira tentativa de unificação nacional de um projeto de metade do século XIX, segunda metade do século XIX, tá certo. E aí o que acontece, quando chega o Governo, a República Velha, né, do café com leite, aquela coisa, vem aquela coisa do coronelismo, do mandonismo local, né, voto de cabresto, bico de pena, aquela coisa dos currais eleitorais, aquela coisa mais complicada e também de uma violência, né, porque a igreja abandonou a cidade, quer dizer o campo, né, vai acontecer canudos, né verdade, acabou a escravidão mas não acabava o fim do preconceito racial, a violência, né. São casos explícitos da Revolta da Chibata, né, que os negros eram maltratados, os maus-tratos. Então aquela coisa do curral eleitoral, da corrupção, aquele mandonismo local, isso determinava que o país não tinha uma unidade, não tinha uma, um centro assim de que convergia para o centro de nacionalidade e tal. Nesse sentido, quando termina a República Velha, né, assim, em 1930, marca um processo de ruptura, uma transposição, a ideia de uma de um rompimento para um país agrário, né, que era para um país industrializado entendeu. E aí tanto que o Vargas, ele vai se preocupar de fazer uma série de questões interessantes e às vezes passam despercebidas, né. Mas cuidado, essa tentativa de industrialização, o café ainda era o principal produto da economia brasileira né, é impressionante, mas o Vargas se preocupa. Por exemplo, na república velha

não tinha leis trabalhistas, não tinha salário mínimo. Então em 30 meses, o Vargas já cria, né, o salário mínimo, cria o Ministério da Educação, Ministério do Comércio, da Indústria, então não tinha, não tinha salário mínimo no Brasil, tá certo. Então para fazer isso era preciso fazer uma, preciso educar o povo, fazer um prédio para identificar uma educação brasileira né. Aí quem vai fazer o prédio, o le corbusier, o francês vem ao Brasil a convite do Lúcio Costa e quem acaba fazendo projeto, né, a partir do Le Corbusier é o Niemeyer, que é o Edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública, ou hoje o Ministério Capanema. Então havia todo um projeto, né. Em 32, houve o código eleitoral para acabar com a ideia da corrupção eleitoral, o voto feminino que vem no código 32,34, as mulheres passam a votar, né verdade. Havia todo um projeto nacional, de salário, de trabalho, né, tá certo. E a constituição de 34 vai selar isso, né. Uma coisa importante também é a ideia da representação classista, que uma das coisas mais interessantes que as constituições brasileiras trouxeram, mas não foi colocada em prática, o voto feminino, como falei a pouco, né, assim. Enfim, todo esse processo é um processo interessante, né, e o Vargas vai buscar essa identidade nacional, mas cuidado essa ideia do estado novo, é que o Vargas vai projetar um samba dessa ideia de nacionalidade através da música, é na verdade, para muitos historiadores já vem antes. A partir de 1930 você já vê composições, por exemplo, que abordavam questões nacionalistas, de identidade nacional, essa identificação “Como eu gosto da minha terra”, do Sandoval Montenegro, gravada pela Carmem Miranda. Então a gente vai identificar várias canções, né, em 30, 31, 32, e isso torna uma coisa mais assim determinada é determinante posteriormente, mas havia acontecendo músicas que falavam dessa ideia da identificação brasileira, do nacionalismo, né, tá certo.

## 2. Áudio 2

Como eu estava falando, se você observar, em 33 tem um samba que é “Setembro”, do Jararaca, José Luiz Calazans, nome da canção “Alma de Tupi”, tá certo. Se você observar também, em 35, a gente encontra na história, “Minha Terra”, de Waldemar Henrique. Olha só, “Alma de Tupi” e “Minha Terra”, então essa coisa já vinha anteriormente, né, Vargas vai se apropriando disso, né, assim. Então isso é interessante porque em 32, na verdade o Vargas foi muito esperto nesse sentido, né, essa ideia de apropriação, de fazer esse projeto nacional, né, essa identidade nacional. Observe que três

questões que envolvem, por exemplo, a cultura, o Vargas vai se apropriar disso. Muito pouco comentado no livro de história didático, o carnaval, a capoeira e o samba, são três movimentos culturais que ele vai se envolver diretamente. Por exemplo, o samba, desculpa, o carnaval, até então, o carnaval é a galera que frequentava clube, aquela galera da elite, né, lança perfume, aquela coisinha que vai para Inglaterra recentemente, assim, não tinha nenhum problema, mas a transgressão do carnaval quem fazia era a população pobre, o que é que eles faziam? Faziam o entrudo. O que é o entrudo? Aquele carnaval popular, que vem de Portugal e chega aqui e toma uma outra formatação. O que é que era? As pessoas simples, iam nas ruas, assim vestidas de homens de mulheres e mulheres de homens, que é uma coisa medieval, isso né, assim, é a ideia de assimilar outras formas, outras aparências que não são suas, aquela ideia do riso popular, o riso cômico popular, medieval do carnaval, né, tá certo e da transgressão. E aí as pessoas começaram a jogar o quê? Era lama, né, nas casas, tudo mais, dos ricos. E Vargas não gostou disso, desse lado do entrudo assim, que a gente chama de mela mela. O que ele queria fazer? Ele queria organizar, controlar o carnaval. Então não é à toa. O que é que ele fez? “Olha, não é melhor vocês fazerem isso, isso é transgressão, isso não é bacana, isso é uma desordem, né” essa ideia de nacionalista, aquela coisa da ordem, né, da identidade, né. O que é que ele faz? Ele pega, né, cria e diz assim: “Se vocês quiserem isso aí, é melhor vocês fazerem o quê? Fazerem escolas de samba, desfilarem, certo?” e o Governo regulamenta e faz uma apresentação, certo, que seja não de apresentação, mas que tenha notas e que ganhe tudo mais. Ou seja, o Vargas cria essa ideia assim como movimento popular e tenta regulamentar. Não é atoa que ele regulamenta o desfile da escola de samba, certo, no Título Federal, já em 1932, que acontece isso, tá certo. E essa coisa é muito interessante, porque na verdade o samba até então não tinha uma identidade própria, né, eram vários ritmos, muitos misturado, havia muita mistura e tal, né, não tinha essa legitimidade que nós conhecemos, né. Aí sim, com a difusão da rádio, com a rádio, né, aí sim o samba vai se legitimando até ser o que nós conhecemos como hoje como samba do estácio, aí ele vai se legitimando vagarosamente, né, assim. Isso é todo um projeto, um processo lento e gradual, que vai dar no quê? Quando você cria a Hora do Brasil, né assim, fazer propaganda do Vargas e tudo mais, invadir as casas, era uma forma de invadir as casas das pessoas, certo. Existem depoimentos de historiadores que quando começou a Hora do Brasil, né, assim, disse que as pessoas que não tinham televisão na

época, elas iam então em casa, ela estava na cozinha e o rádio era literalmente na cozinha, basicamente, né, e terminava o jantar, ligava o rádio ali e tal e o que acontecia, muitos depoimentos dizia o seguinte que quando elas ligavam o rádio “vixe, vai começar a Hora do Brasil, vixe” chegou, a galera como reação dizia “chegou a hora do falar sozinho”, né assim, entendeu, e isso quer dizer que havia transgressão, havia reação, nem todo mundo, nem todo povo brasileiro apoia isso, né. E criticava e não gostava, digamos daquele lenga lenga, daquele falatório do Governo, né, tentando legitimar o Governo, isso é um processo muito delicado, né, de longa duração, cheio de detalhes para fazer essa propaganda nacionalista, tá certo. Então por causa disso, voltando para o carnaval, ele incentiva essa folia como parte do processo de propaganda nacionalista, em vez de ser transgressão, faz uma propaganda nacionalista do Governo dele, do Brasil, de ser brasileiro. A mesma coisa ele vai fazer com a capoeira, né. Os capoeiristas, a capoeira na verdade é praticamente uma luta, né, digamos nas “favelas”, assim entre aspas. As pessoas pobres não tinham armas de fogo, como tem essa violência armada que tem hoje em dia. Então como acontecia? Quando havia um confronto da galera com o pessoal da polícia, eles pegavam a navalha, colocavam entre os dedos e matavam os soldados, degolavam. E o Vargas vai dizer assim “não façam isso”, assim como o samba, né, e com o carnaval, né. Não façam dessa dança uma violência e tudo mais. Faça o seguinte, bora fazer da capoeira uma dança de identidade nacionalista, que leve a propaganda nacional, de enaltecimento da cultura brasileira, você tá entendendo. Então acontece isso também com a capoeira e vai acontecer com o samba. Ele se apropria das três formas de expressões culturais: do carnaval, da capoeira, e do samba, né, assim. E com o rádio, obviamente, quando o rádio vem, foi uma coisa que invade as casas, assim como a televisão, os produtores, né, assim, os caras começam a gravar e também empresários começam a investir no rádio, assim como na televisão para invadir a casa, e aí vender melhor e fazer valer o que eles pretendiam nesse momento, tá certo. Isso também você consegue ler, com a historiadora Maria Clara Vaisman, ela fala sobre essa ideia de identidade nacional do samba popular na música brasileira no Governo Vargas, tá bom?

### 3. **Áudio 3**

Na verdade, se fosse pegar historicamente, essa coisa é muito interessante, porque esse plano de criação do enaltecimento, de uma identidade nacional, para alguns pesquisadores,

isso tem uma data, isso em 1933, quando o ministro da Relações Exteriores do Vargas, ele viaja a Alemanha, obviamente uma Alemanha Nazista, Hitler já estava no poder, dá pra entender né, em 1933, Hitler estava no poder e nesse mesmo ano o ministro viaja para a Alemanha. O objetivo dele era conhecer a ideia do regime do Hitler, do nazismo. Quando ele volta, Vargas, ele conversa com o Vargas e o Vargas resolve então criar um sistema de propaganda similar ao nazismo, certo. Quem aborda isso claramente é a Maria Clara Vaisman. Aí o que acontece, aí cria-se o DIP, Departamento de Imprensa e Propaganda, né, tá. O objetivo inicial dele é difundir o samba então na capital federal, ou seja, se utilizar a música como propaganda ideológica de identidade nacional. Hitler vai fazer isso também, né, só que o Hitler, na Alemanha, ele não se apropria tanto da música, é muito mais o cinema com Yosef Gabil, assim cinema, tá legal. Leene Avental, que fez Olímpia e tudo mais. Aqui no Brasil foi mais a música, assim, tá certo e a partir do Instituto Federal essa música se propagava para as rádios de todo o país, né, tá certo. Em todo território nacional, tá. E por conta disso, o samba, né, aos poucos vai cair no gosto do brasileiro, né, ou seja, as pessoas vão ouvindo, que vai curtindo, vai envolvendo e não só isso, Vargas também foi esperto. A ideia de popularizar essa arte, daí criaram o quê? O ensino de música nas escolas, comandada pelo Heitor Villa Lobos, o ensino de música nas escolas vai fazer as pessoas entenderem a música e se envolver mais, né, assim. Também foi criado o dia da música popular brasileira, em 1939, e por conta disso aí, o Vargas obviamente vai financiar os artistas, tá certo, para fazer sambas de enaltecimento da identidade brasileira, identidade nacional. E o samba mais emblemático, assim, que virou um hino literalmente, né, para o Brasil, foi o “Aquarela do Brasil”, do Ary Barroso, tá certo. Toda música, toda letra, ela está repleta desse enaltecimento, é impressionante, né, “Meu Brasil brasileiro, mulato inzoneiro, vou cantar-te nos meus versos”, tá certo, totalmente, né, assim. Ele falar, “Abre a cortina do passado, Tira a mãe preta do cerrado, Bota o rei congo no congado”, e o trovador, aí a letra é repleta de trechos assim, “terra boa e gostosa, da morena sestrosa, de olhar indiferente”, né, é impressionante. “O Brasil, samba que dá, bamboleio que faz gingar, né, esse coqueiro que dá coco, enfim, né. É repleto disso, mas cuidado certo, a música, certo, Aquarela do Brasil é uma música genial, ela tem quatro partes definidas, melodicamente diferentes, ela é uma música complexa, complexa assim. E não é à toa, N artistas brasileiros já gravaram ou regravaram essa música, devido a complexidade melódica da canção, mas obviamente ela

foi o quê? Ela foi tida, escolhida como o quê? Um marco, em todas provas de vestibular, ENEM se comenta quem, né? Esse enaltecimento, essa brasilidade, essa coisa toda, com Aquarela do Brasil, do Ary Barroso. Quando ele compôs a música, ele até achava a canção boba, acredita, é interessante, né, tá certo, é isso aí, vamos para a próxima.

#### 4. **Áudio 4**

Pois é, você cita muito bem aí, essa questão da censura do Governo da ditadura Vargas, ditadura, ditadura, 1937 ainda é ditadura. Ele faz uma ditadura militar, manda prender, em 1936, Olga Benário, né, assim, e outros que vieram para o Brasil, para fazer a tentativa de uma revolução socialista literalmente, né, assim, o casal alemão, a Elise e o Evert foram massacradamente torturados, aquela coisa, perseguição, censura, fechamento do congresso, tal, né, assim. E com os órgãos criados, DASP, o serviço público para perseguir quem questionava o Governo Vargas no serviço público e aí, o cara era demitido, né, no DASP, Departamento de Administração do Serviço Público. E o DIP é ligado a cultura, então o DIP tinha o papel de fazer a censura, dos sambas, das canções. De modo geral, o samba e você cita bem o “Bonde São Januário”, né, assim. E é impressionante também quando você percebe em “Lenço no Pescoço”, por exemplo, em 1933, do Wilson Batista e em 1940, também do Wilson Batista e do Ataulfo Alves, “Bonde São Januário”, se você pegar, havia uma ideia de conhecimento, de apropriação, talvez pelo medo, pela censura, e também pelo dinheiro, né, os músicos pobres queriam dinheiro, todo músico quer ver sua música gravada, todo músico quer ver sua canção na rádio e dinheiro, eles não tem um salário fixo. Você vê em “Lenço do Pescoço”, do Wilson Batista, em 33, ele dizia: “Eu passo gingando, provocando e desafio, Eu tenho orgulho em ser tão vadio” e o mesmo Wilson, em 40, Wilson Batista com Ataulfo Alves, né, fazia o “Bonde São Januário”, “Quem trabalha é que tem razão, Eu digo e não tenho medo de errar... O Bonde São Januário leva mais um operário sou eu que vou trabalhar”, ele colocou uma coisa de receber o dinheiro para fazer gravação. Ele faz uma crítica, há censura, mas dentro da letra, por mais que havia um enaltecimento, você vai ver um toque de crítica, de transgressão da coisa, né. Mas é perceptível isso nas produções da época, das letras. Agora, de mensurar quantas canções ou quantas foram, ainda hoje, se você pegar recentemente do regime militar, nas

pesquisas das canções que foram censuradas, a gente tem dificuldade ainda porque é uma vastidão muito grande, complexo isso, né. Mas assim de mensurar não, de dizer quantas não, tá certo. Existe um trabalho muito legal do professor Ernani Furtado, da Federal, do departamento de história, o samba educativo ao samba, deixa eu ver aqui, “Do samba educativo ao samba que educa a bossa nova”, é uma coisa assim. Vale a pena isso. Vamos agora para outra questão.

## 5. Áudio 5

Pois é, como eu estava comentando, o Vargas não só se apropriou do samba, tá certo, do carnaval, da capoeira e do samba. Mas o seu trabalho está ligado ao samba, né, você direciona se ao samba. E invariavelmente os governos se apropriam dessas canções, e o samba,, ele, sua essência vem das entranhas, ele é popular, né, assim. Então a melodia, a letra, o cotidiano que é falado se envolvem muito. Era uma forma de expressar essa nacionalidade brasileira e o autoritarismo da maneira que ele pagava para o quê? Os compositores falam coisas do enaltecimento do Brasil, da grandiosidade, do ufanismo, daquela coisa toda. Era uma forma de cooptar, controlar, né, assim, mas isso é coisa do Vargas, muito inteligente dele. Em 1931, ele já tinha feito isso, em 31, quando ele fez a Lei de Sindicalização, para algumas pessoas apressadamente, por achar “há, então, na República Velha, como não havia sindicato, salário mínimo, o operário é explorado”, você tem noção, em 1917 a 21 aconteceram cerca de 96 greves de operários, em Rio de Janeiro, São Paulo, e por tudo isso, os operários, os sindicatos eram autônomos, haviam 500 sindicatos autônomos na República Velha, o Vargas não gostou disso. Espertamente em 30, ele não gostou dessa autonomia dos sindicatos, o que ele faz? Em 1931, ele faz a Lei de Sindicalização, não para dar autonomia, e sim para tirar para tirar a autonomia. O sindicato do Vargas, era uma espécie de para-choque entre o capital e o trabalho, não era para transgredir, questionar, aquela ideia de que o patrão e operário eram pra crescer juntos, ser amigos, ideia de nacionalidade, muito esperto. E quando ele, a constituição de 34, por exemplo, só para você ter uma noção melhor dessa publicação, 34 era uma cópia da constituição alemã, da República de Weimar, na Alemanha e a Alemanha pós-Primeira Guerra Mundial, arrasada, né, desemprego, inflação, recessão, soldados desempregados e tudo mais, com aquela culpabilidade da guerra dada pelos vencedores. Então o que a

república de Weimar faz? Uma ideia da intervenção do Estado e da economia, então abraça essa ideia. O Estado intervém, o Estado é o pai dos pobres, o Estado cria, não é verdade? Uma ideia populista que depois ele vai puxar pro lado nazifacista, de que o populismo tem essa coisa da violência armada contra quem questiona o Estado, já o nazifacismo não, há uma supremacia do Estado sobre o indivíduo, se o indivíduo questiona o Estado, que o indivíduo morra, o Estado é forte, o Estado é coeso, então observe que há toda uma criação anterior, delicada e espertamente ele vai o quê? Vai usar a arte, o samba que é mais popular que a capoeira, o carnaval, para justificar essa ideia de uma música brasileira, como você bem falou, várias formas de samba, tipos de samba, assim. E ainda hoje, quer queira ou não, é o que identifica, digamos assim, a música popular brasileira em qualquer canto do mundo, como outras variantes, a bossa nova, por exemplo.

## 6. Áudio 6

Acho que essa pergunta, de uma maneira ou de outra, eu já acabei respondendo. Mas essa identificação é com o samba, com as letras, da identidade, como a gente colocou aqui. Se você pegar as letras, que vinham de antes, por exemplo, “Alma de Tupi”, “Sou caboclo brasileiro, Tenho sangue de guerreiro, Descendente de Tupi, Já andei por outras terras, Tenho visto muitas serras, Como a nossa nunca vi,” a nossa terra é melhor, “Tenho amor à minha terra, Que belezas ela encerra, Nesses matos do sertão”, isso aqui é de 1933, Jararaca. Em 35, olha só, “Minha Terra”, de Waldemar Henrique, “Minha Terra” é o nome da música, “Esse Brasil tão grande, amado é meu país idolatrado Terra de amor e permissão Toda ser e toda nova De carinho e coração Na noite quente, enluzada O sertanejo está sozinho E vai cantar pra namorada No lamento do seu pinho”, quer dizer, isso já vinha antes, ele apenas se apropria desse samba, se apropria dessas canções que falam da identidade, aquela coisa toda, e assim, institucionaliza através de uma rádio, de um instituto que vai censurar, que é o DIP, que vai não só censurar mas difundir essa musicalidade a partir de um Instituto Federal para todo território brasileiro, né, assim. Então é toda uma coisa que foi projetada, programada, não foi à toa. O ministro foi na Alemanha, percebeu o grau de importância da mídia, o rádio, assim para envolver o povo, já que um país grande,

continental, o rádio se difundiria por todo o país assim, entendeu. Essa ideia é que eu acho mais interessante você perceber pelo ponto de vista.

## 7. **Áudio 7**

Na verdade, uma coisa que chama a atenção pra gente é o seguinte, tá certo. Na música, e uma música com um país desse, né, com essa variedade de cultura que nós temos, essa meise de culturas. O certo é que na verdade o samba, ele vem dos bandos, essa ideia do tambor, do swing, da dança, do rebolado, né, assim, dos tambores, aqueles vários tambores tocando simultaneamente, outros instrumentos, assim, vem da cultura dos bandos, tá certo, que vieram para o Brasil da África, se bem que a Bahia, é uma expressão clara disso, né, assim. Então, a gente imagina só, toda essa cultura popular, assim de negros baianos, negros do Rio de Janeiro, negros do Maranhão, assim e tal, e o desfile de escola de samba do Distrito Federal, né, assim. E tudo isso, o que acontece? Isso vai haver uma mistura, é quase inevitável, né, os artistas, eles vão se aproximando, mostrando as canções, vão dialogando, vão mostrando, vão mostrando os trabalhos, né, os swings, ritmos diferentes, né, assim. Precisa pegar, por exemplo, talvez o ritmo mais impressionante, né, assim, que talvez seja uma variante do samba com o rock, né, é do Nação Zumbi, assim, era em torno, meados dos anos 1990, por aí, 1997, né, assim, se bem que o negócio impactante, você pegar uma guitarra elétrica, uma guitarra elétrica com aquele swing todo, né, do Nação Zumbi e uma zabumba, quando os caras tocarem, os caras ficaram perplexos, né, assim, ficaram pasmos, e abriram duas vezes o Paralamas do Sucesso, né. E o Herbert Viana, na segunda vez que foi apresentar antes ele disse “rapaz faz o seguinte, deixa eu começar que vocês terminam”, porquê? Porque o swing era novo, era impactante, o ritmo era impressionante, né, você jogar uma guitarra elétrica, com um swing daquele, com uma zabumba é algo impressionante, não estou dizendo isso, imagina só a legitimação do carnaval, certo, o carnaval é mais competitivo no Instituto Federal, o Vargas faz isso, né, assim, os caras querem ganhar dinheiro, querem difundir as músicas, querem popularizar suas canções, querem tá na rádio, né, assim. Então, vai haver o quê? Um mostra uma música, outro mostra um ritmo, outro mostra uma forma de mais elaborada assim da musicalidade. Não é à toa que não tem como, né, certo, e isso vai dar no século XX uma música completamente diferente, né, como eu falei antes, que impressiona o mundo todo, o ritmo do samba. E

quem não se impressiona, né, pelas escolas de samba, no ciclo do carnaval, ainda que sejam pagos, né, assim, como é no Rio de Janeiro atualmente, assim, caros, elitistas, e excludentes, que excluem a população como um todo, certo. Você tem que pagar para desfilar, tem os sambistas, tem a escola, mas abrem espaço para as pessoas comprarem abadá, e quem quiser de qualquer canto do Brasil, pagar para desfilar, pagar para assistir, então carnaval quer o quê? Esse formato criado pelo Vargas, pelo que nós vemos, é essa competição que tem nas escolas de samba do Rio de Janeiro atualmente, todo aquele aparato rítmico, melódico, de letras e tudo mais, tá certo.

## **8. Áudio 8**

Essa questão da censura ela é interessante, porque se você observar, alguns compositores, eles passaram a ser mais visualizados, mais vistos, né, assim, mais observados, aqueles que compunham mais facilmente, aqueles que tinham já tinham parcerias, que acabavam fazendo de uma maneira ou de outra mais músicas do que outros assim, tá certo. E os caras começaram a ser mais visualizados, observados, o cara era crítico para aquele cara crítico, a música dele já vinha a sensação de quê? De censura, de parar, isso é uma transgressão. Algo aconteceu mais ou menos, aqui no regime militar, não foi? No regime civil militar, Chico Buarque chegou um período que a censura foi tão intensa sobre ele, né, assim que ele resolveu fazer um disco adotando outro nome, né, Julinho da Adelaide, para fugir da perseguição, porque se chegar na censura, Chico Buarque, censura, Chico Buarque tá censurado, aí foi pedir música ao Gil, assim, outros compositores, né, assim, Roberto Menescal, Dalva Lins, essa galera toda, para fazer um disco, porque ele não ia usar o nome dele, bastava dizer Chico Buarque que era censurado, então caras como por exemplo, Wilson Batista, certo, esses caras, Ataulfo Alves, principalmente Wilson Batista que era muito crítico, jogava bem, articulava bem, eles eram muito visualizados, qualquer coisa que era o nome dele já, talvez, se tratasse de censura e tal, tá legal.

## **9. Áudio 9**

Invariavelmente isso acontece. Quando acabam a ditadura, houve um repressivo ditatorial, tá certo, então obviamente a censura para, quando o Governo Dutra chegou ao poder, época da, a democracia venceu, acabou o nazifascismo, acabou a Alemanha, acabou a Itália,

acabou o Japão, né, assim, os tiros democratas, países europeus, a França, a Inglaterra e os Estados Unidos venceram a guerra, então a democracia à vista, a democracia ganhou e tal. Então o Dutra foi eleito, inclusive sem gosto do Vargas, né, assim, e chegou ao poder, na verdade era um militar de carreira, e era crítico, fez a constituição de 46, que chamava a constituição de livrinho, abominava as leis, é invocado isso. Mas assim, então é normal que o quê? Acabe essa defensora, acabe a democracia à vista, acaba a constituição de 37, que era baseada na Polônia. A polaca, na Itália, que tinha aquele caráter facista, que havia fechado o congresso, aquele negócio todo. Então a constituição de 46 é uma constituição promulgada, digamos assim, dita democrática assim, tá. Então, qual a lógica? Os caras acabam a censura, as pessoas, os compositores passaram a compor e tal, mas o que é normal também, né, se você pegar aqui e invariavelmente aqui acolá tinha um compositor que emitia outras críticas, não mais talvez a violência, mas a questão social, a questão da miséria. Exemplo disso, acabou o regime militar aqui no Brasil, em 85, né, assim e final de 80 vai aparecer quem? Cazuzza, tal, Titãs, tal, né. Se você ver as músicas do Titãs, as primeiras canções são o quê? Umas músicas com caráter mais anarquista, “Cabeça de Dinossauros”, né, “A gente não precisa, a gente não só quer comida”, então aquela, estado de violência estado de hipocrisia, a lei que não é minha, falei que não é minha, isso é uma música criticando, uma música na verdade anarquista, né, na verdade isso. Então os caras vão pra outro viés, um viés social, né, uma crítica a miséria, uma crítica a violência tá certo, é uma questão política. Não é especificamente, mas na época do regime, mais aquela coisa digamos assim, você ver Cazuzza que vai fazer, né, “Sou forte, sou por acaso Minha metralhadora cheia de mágoas Eu sou um cara Cansado de correr Na direção contrária, Dia sim dia não A burguesia, a tá cheia de ratos Tuas ideias não correspondem aos fatos”, a tua piscina, né ,vai para o lado o quê? Social, crítico, mas aquela coisa se dilui mais na política do momento, isso é mais ou menos normal. O que aconteceu mais ou menos com os sambas, é da época, tá legal.

**APÊNDICE C - ROTEIRO****ROTEIRO - GETÚLIO NAS ONDAS DO RÁDIO****1º BLOCO - GETÚLIO VARGAS: O RETRATO DO VELHO ECOOU NO BRASIL****TRILHA: AQUARELA DO BRASIL (INSTRUMENTAL)**

**LOC1 ERIC:** A você que nos ouve, nossas boas-vindas ao programa **GETÚLIO NAS ONDAS DO RÁDIO**. Eu sou Eric Viana e eu estou com minha colega de trabalho Glenda Valverde. Hoje vamos contar a você a história de outra dupla. Essa teve um sucesso quase insuperável na política e na comunicação brasileira. Então, sobre o que vamos falar hoje, Glenda?

**LOC2 GLENDA:** Olá, Eric e você que está conosco nesta transmissão. Hoje vamos abordar a relação entre Estado Novo, regime político que governou o Brasil entre mil novecentos e trinta e sete a mil novecentos e quarenta e cinco, e o Rádio, principal meio de comunicação daquela época.

**LOC1 ERIC:** E para falar sobre essa dupla de sucesso, precisamos conhecer melhor o seu principal agente: Getúlio Vargas.

**BG: CANTORES DO RÁDIO**

**LOC1 ERIC:** Getúlio foi a pessoa que mais tempo governou o Brasil após a proclamação da República. Assumiu o poder após o golpe de Estado que ficou conhecido como Movimento de trinta e que, erroneamente, ficou conhecido como Revolução de mil novecentos e trinta..

**LOC2 GLENDA:** Erroneamente, Eric?

**LOC1 ERIC:** Sim, Glenda. Nós não tivemos uma experiência revolucionária em nossa história, isso porque para ser uma revolução é preciso que haja uma significativa mudança na estrutura da sociedade. Portanto, o Golpe de Trinta não se enquadra como uma Revolução.

**LOC2 GLENDA:** Isso, Eric. Bom, voltando a falar sobre Getúlio, ele governou no Palácio do Catete, antigo lar presidencial, até o fim da Segunda Guerra Mundial, em mil novecentos e quarenta e cinco. Em mil novecentos e cinquenta, reassumiu a Presidência, dessa vez democraticamente e com clamor popular. Ocupou o cargo até vinte e cinco de agosto de mil novecentos e cinquenta e quatro, quando tirou a própria vida.

**LOC1 ERIC:** Se Vargas conseguiu voltar à Presidência nos braços do povo, muito se deve ao empenho dele em falar com a população. Pela primeira vez, até a década de mil novecentos e trinta, um chefe de Estado brasileiro teve contato direto com as camadas mais populares do país. E o meio escolhido para isso foi o rádio, que se desenvolvia cada vez mais e já era uma realidade sólida na comunicação do Brasil. Muito desse sucesso se deve à criação do Departamento de Imprensa e Propaganda, DIP, que, espelhando-se em outros governos ao redor do mundo, resolveu se legitimar por meio da comunicação. Wagner Castro, historiador e professor universitário, nos explica como Getúlio e seu Governo fizeram uso do rádio com vistas à construção de uma imagem favorável do Presidente.

### **TEC: Wagner Castro - Áudio 3**

INÍCIO- 00:18 Para alguns...

FIM- 00:52 ... ao nazismo, certo.

*[...] para alguns pesquisadores isso tem uma data, isso em 1933, quando o ministro da Relações Exteriores do Vargas, ele viaja a Alemanha, obviamente uma Alemanha Nazista, Hitler já estava no poder, dá pra entender né, em 1933, Hitler estava no poder e nesse mesmo ano o ministro viaja para a Alemanha. O objetivo dele era conhecer a ideia do regime do Hitler, do nazismo. Quando ele volta, Vargas, ele conversa com o Vargas e o Vargas resolve então criar um sistema de propaganda similar ao nazismo, certo.*

INÍCIO- 00:56 Aí o que acontece...

FIM- 01:08 ... identidade nacional.

[...] *Aí o que acontece, aí cria-se o DIP, Departamento de Imprensa e Propaganda, né, tá. O objetivo inicial dele é difundir o samba então na Capital Federal, ou seja, se utilizar da música como propaganda ideológica de identidade nacional.*

**LOC2 GLENDA:** Espelhado nas ditaduras Nazifascistas, o Governo Vargas também investiu na arte para propagar suas ideias e a identidade nacional. O formato mais trabalhado foi o sonoro, como acrescenta o historiador Wagner Castro.

### **TEC: Wagner Castro - Áudio 3**

INÍCIO- 01:24 Aqui no Brasil...

FIM- 02:35 ... é impressionante.

[...] *aqui no Brasil foi mais a música, assim, tá certo e a partir do Instituto Federal essa música se propagava para as rádios de todo o país, né, em todo território nacional, tá. E por conta disso, o samba né, aos poucos vai cair no gosto do brasileiro, né, ou seja, as pessoas vão ouvindo, que vai curtindo, vai envolvendo e não só isso, Vargas também foi esperto. A ideia de popularizar essa arte, ou seja, daí criaram o quê? O ensino de música nas escolas, comandada pelo Heitor Villa Lobos, o ensino de música nas escolas vai fazer as pessoas entenderem a música e se envolver mais, né, assim. Também foi criado o dia da música popular brasileira, em 1939, né, assim, e por conta disso aí, o Vargas obviamente vai financiar os artistas, para fazer sambas de enaltecimento da identidade brasileira, tá certo, nacional. E o samba mais emblemático, né, assim, tá certo, que virou um hino literalmente, né, para o Brasil, foi “Aquarela do Brasil”, do Ary Barroso. Toda música, toda letra ela está repleta desse enaltecimento, é impressionante.*

INÍCIO- 03:12 Aquarela do Brasil...

FIM- 03:20 ... complexa assim.

[...] *Aquarela do Brasil é uma música genial, ela tem quatro partes definidas, melodicamente diferentes, ela é uma música complexa, complexa assim.*

**LOC1 ERIC:** Como explicou o Professor Wagner, Getúlio e o DIP resolveram difundir o samba e outros ritmos como símbolos da brasilidade e elementos fundamentais da identidade nacional. Em pleno dois mil e vinte e dois, quase um século depois do Estado Novo, podemos associar a música **Aquarela do Brasil**, do compositor mineiro **Ary Barroso**, aos muitos símbolos de exaltação ao nacionalismo e ao orgulho de ser brasileiro, ambos implementados pelo getulismo. É esta a canção que você ouve agora.

**TEC: AQUARELA DO BRASIL - Ary Barroso**

**LOC2 GLENDA:** Você ouviu **Aquarela do Brasil**, música lançada em mil novecentos e trinta e nove por **Ary Barroso** e que, até hoje, é tida como uma das principais declarações de amor ao país.

**TÉC: SOBE BG**

**LOC2 GLENDA:** Para além da exaltação nacional, o Estado Novo buscou legitimar a imagem de Getúlio Vargas como o chefe de Estado que a Nação tanto precisava. As suas estratégias de propaganda espelhavam-se no culto aos líderes nazifascistas europeus, como Mussolini, na Itália; Hitler, na Alemanha; Franco, na Espanha; e Salazar, em Portugal.

**LOC1 ERIC:** Aqui no Brasil, Vargas foi o primeiro Presidente a, efetivamente, dar corpo ao populismo. Na República Velha, que existiu de mil oitocentos e oitenta e nove a mil novecentos e trinta, já naquele tempo, o Governo era voltado para as camadas mais abastadas da sociedade. Tanto que, até a eleição de mil novecentos e trinta, apenas homens com mais de vinte e um anos e alfabetizados tinham direito ao voto. É importante lembrar que, de acordo com o censo de mil novecentos e quarenta, mais de cinquenta e seis por cento dos brasileiros não sabiam ler, soma-se a isso a exclusão das mulheres e dos mais pobres da política nacional.

**LOC2 GLENDA:** O Governo Vargas, por não ter sido democraticamente eleito em mil novecentos e trinta, precisava da legitimação das camadas mais populares para ter estabilidade no exercício de seu mandato.

**TEC GETÚLIO DISCURSO DE IMPLANTAÇÃO**

INÍCIO- 20:19 Tenho suficiente experiência...

FIM- 20:49 ... bem da coletividade.

[...] Tenho suficiente experiência das asperezas do poder para deixar-me seduzir pelas suas exterioridades e satisfações de caráter pessoal. Jamais concordaria, por isso, em permanecer à frente dos negócios públicos se

tivesse de ceder quotidianamente às mesquinhas injunções da acomodação política sem a certeza de poder trabalhar, com real proveito, pelo maior bem da coletividade.

**LOC1 ERIC:** Para ajudar na construção da imagem do Presidente como "Pai dos Pobres", Getúlio usou o rádio e a música, principalmente marchinhas e sambas, para criar esse culto à sua personalidade. Para o historiador e pesquisador, Miguel Ângelo de Azevedo, o Nirez, o Vargasismo conseguiu entrar nas casas da população e elevar Getúlio à posição de chefe legítimo do Brasil.

**TEC: Nirez - Áudio 3:**

INÍCIO- 00:13 Naquela época...

FIM- 01:31 ... implantado por ele mesmo.

*[...] naquela época nós tínhamos muitos outros ritmos e os dois principais, principalmente no carnaval, era o samba e a marcha, que hoje chamam de marchinha. Então esses dois ritmos foram bastante usados na época do Getúlio e ele usou a música como um caminho para sua política se estabilizar. O Estado Novo, depois de criar um símbolo de patriotismo com todo mundo, né, nas escolas, nas repartições públicas, todas as repartições tinham um retrato de Getúlio Vargas na parede, ele estava criando em torno dele, né, o que os comunistas chamam de culto à personalidade. Então ele era o ídolo implantado por ele mesmo.*

**LOC2 GLENDA:** Quando outorgou, em dez de novembro de mil novecentos e trinta e sete, a nova Constituição brasileira, Vargas usou as conquistas trabalhistas para legitimar o Governo que não tomou o poder por vias democráticas. O historiador Nirez comenta como o Vargasismo conseguiu ganhar o apoio popular mesmo sendo um ditador.

**TEC: Nirez - Áudio 3:**

INÍCIO- 01:32 Quando ele implantou...

FIM- 03:03 ... política de Getúlio.

*[...] Quando ele implantou o Estado Novo e tirou a bandeira dos Estados e os símbolos regionais, acabou com as câmaras de vereadores, com as casas legislativas estaduais e implantou a ditadura com nome de Estado Novo, aí ele já tinha a certeza, já estava estabelecido, né. Isso era em 1937, e o trabalhismo dele estava em plena ascensão e os sambas existiam muitos sambas que exaltavam as ideias de Getúlio "Eu trabalhei" "eu hoje tenho tudo isso que o homem quer... para chegar onde eu cheguei, eu trabalhei, trabalhei, trabalhei", eram músicas que falavam do trabalho como uma coisa boa, como uma coisa satisfatória e o povo achava que*

*era mesmo, porque o povo tinha saído de um Governo anterior onde o trabalhador era praticamente um escravo. Então a liberdade que ele deu ao trabalhador ajudou muito na política de Getúlio.*

**LOC1 ERIC:** A Segunda Guerra Mundial ocorre dentro do período em que, no Brasil, acontecia o Estado Novo. Durante os conflitos, que ocorriam majoritariamente na Europa, o Brasil se manteve neutro até mil novecentos e quarenta e dois. Após muitas ocorrências e conversas marcadas do jogo político, o país assumiu postura a favor dos Aliados, lutando contra o Eixo.

**LOC2 GLENDA:** Com o objetivo de trazer à tona a imagem positiva de Getúlio e legitimando a entrada do Brasil no combate, **Ubirajara Nesdan e Afonso Teixeira** lançam, em mil novecentos e quarenta e dois, a música **Quem É O Tal**. A canção satiriza o ditador alemão Adolf Hitler e exalta o brasileiro Getúlio Vargas. Você escuta agora **Quem É O Tal**, na voz de **João Petra de Barros**.

#### **TÉC: QUEM É O TAL - JOÃO PETRA DE BARROS**

**LOC1 ERIC:** Você ouviu **Quem É O Tal**, música composta por **Ubirajara Nesdan e Afonso Teixeira** em mil novecentos e quarenta e dois e cantada por **João Petra de Barros**.

#### **TÉC: SOBE BG**

**LOC1 ERIC:** A Segunda Guerra foi encerrada em mil novecentos e quarenta e cinco. O Brasil estava do lado vencedor, juntamente com Estados Unidos, Inglaterra, França e União Soviética. O fim do combate simbolizou a queda dos governos nazifascistas na Alemanha e na Itália, onde os chefes de Estado morreram.

**LOC2 GLENDA:** O Governo de Getúlio, por ter muitas inclinações ao modelo nazifascista e por se tratar de uma ditadura, ficou insustentável após a Segunda Guerra. Vargas renunciou ao cargo de Presidente no dia vinte e nove de outubro de mil novecentos e quarenta e cinco, quinze anos após a sua entrada no Palácio do Catete. No fim daquele ano,

Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra durante o confronto internacional, foi eleito para o cargo de Chefe da Nação.

**LOC1 ERIC:** Mas, a trajetória de Getúlio Vargas como Presidente do Brasil não tinha chegado ao fim. No mesmo pleito que elegeu Dutra como Presidente do Brasil, Getúlio foi eleito Senador pelo Rio Grande do Sul, seu Estado de origem. Na próxima eleição presidencial, em mil novecentos e cinquenta, de forma democrática, Vargas foi eleito Presidente da República com quarenta e oito por cento dos votos. Como naquela época as eleições eram disputadas em turno único, essa votação trouxe Getúlio de volta ao Catete.

**LOC2 GLENDA:** Na eleição de mil novecentos e cinquenta, Getúlio assumiu, deliberadamente, a postura populista, principalmente ligada ao trabalhismo. O seu partido, inclusive, era o Partido Trabalhista Brasileiro, com a sigla de PTB. No pleito daquele ano, Vargas baseou sua campanha na figura de "Pai dos Pobres", argumentando ser o Presidente que mais fez pelos pobres, enaltecendo feitos como a criação do salário mínimo, das leis trabalhistas e do Ministério do Trabalho.

**LOC1 ERIC:** O jingle que levou Getúlio de volta ao Palácio do Catete era **Retrato do Velho**, música cantada pelo famoso **Francisco Alves** ou **Chico Alves**, conhecido também como o Rei da Voz. O título é uma alusão ao fato citado por Nirez, de que todas as escolas e repartições públicas, durante a Era Vargas anterior, tinham uma foto do Presidente nas paredes. O ritmo, como não poderia deixar de ser, era uma marchinha, que já tinha sido muito explorado pelo gaúcho nos seus quinze anos à frente do país.

**LOC2 GLENDA:** Mesmo sendo eleito nos braços do povo, Getúlio teve um fim de Governo turbulento. No ano de mil novecentos e cinquenta e quatro, em meio a denúncias de crimes e ameaças golpistas, Vargas resolve acabar com a crise em seu mandato da pior forma. Na madrugada do dia vinte e cinco de agosto de mil novecentos e cinquenta e quatro, em seu quarto no Palácio do Catete, Getúlio Dornelles Vargas comete suicídio.

**TEC: SUICÍDIO GETÚLIO VARGAS REPÓRTER ESSO**

**LOC1 ERIC:** Esta foi a primeira parte do programa **GETÚLIO NAS ONDAS DO RÁDIO**. Vimos nesta parte do programa um pouco sobre como Getúlio Vargas soube usar a comunicação e a música como aliadas para legitimar um Governo que não foi eleito democraticamente e, como efeito colateral, conseguiu trazê-lo de volta ao poder como "Pai dos Pobres" e nos braços do povo. Na segunda parte do programa, vamos falar sobre como a música conseguiu ratificar um dos pilares do Governo: o trabalhismo. Agora, fique com **Retrato do Velho**, jingle da campanha de Vargas em mil novecentos e cinquenta, na voz de **Francisco Alves**. Até já!

**TEC: RETRATO DO VELHO**

## **2º BLOCO - MÚSICA E TRABALHISMO: MARCAS DE UM GOVERNO**

**TRILHA: AQUARELA DO BRASIL (INSTRUMENTAL)**

**LOC2 GLENDA:** Estamos de volta com **GETÚLIO NAS ONDAS DO RÁDIO!** Nesta segunda parte do programa, vamos conversar sobre como o trabalhismo, principal pilar do Varguismo, era propagado através das músicas e do canal oficial de comunicação do Governo, o programa **Hora do Brasil**.

**BG: A VOZ DO MORRO**

**LOC1 ERIC:** Os principais receptores das mensagens emitidas por Getúlio e seu Governo eram as camadas mais pobres da sociedade. Por isso, o investimento em produções musicais ufanistas era mais voltado para sambas e marchinhas, que dominavam o consumo do público brasileiro durante as décadas de mil novecentos e trinta e quarenta.

**LOC2 GLENDA:** Tendo interesse em criar um programa que fosse porta-voz do Governo Vargas, em dez de Julho de mil novecentos e trinta e cinco, foi transmitida, pela primeira

vez, a **Hora do Brasil**. A atração era dividida em dois blocos e buscava trazer uma informação oficial, uma prestação de contas do Governo ao povo, em que a narrativa pura e simples dos atos fosse o melhor e mais convincente elogio do regime.

**LOC1 ERIC:** O foco da primeira metade do programa eram notícias que enalteciam o varguismo, apresentando conquistas obtidas pelo Governo. A outra, por sua vez, tinha como objetivo fortalecer a cultura popular, apresentando as músicas dos principais cantores do país, além de transmitir radionovelas que remetessem a grandes momentos da história nacional.

**LOC2 GLENDA:** Quando falamos sobre as músicas veiculadas na **Hora do Brasil**, precisamos ressaltar que apenas composições que fossem de acordo com os ideais do Governo entravam no programa. Canções que fossem de encontro ao que pregava o Varguismo eram censuradas, ou tinham suas letras modificadas, como é o caso da canção "**Bonde São Januário**", composta por **Wilson Batista e Ataulfo Alves** e que foi modificada pelos censores do Departamento de Imprensa e Propaganda. O historiador cearense Nirez fala sobre a importância da Hora do Brasil para os trabalhadores e como a censura entrava em ação em situações específicas.

### **TEC: Nirez - Áudio 2**

INÍCIO- 01:26 A censura...

FIM- 01:45 ... mais do Governo.

*[...] A censura, havia censura, mas naquele tempo não havia a oposição ferrenha que depois ocorreu em outros governos. O povo era mais, gostava mais do Governo.*

**LOC1 ERIC:** Mesmo com grande parte da população apoiando o Governo por causa das melhorias, mesmo que mínimas, nas condições de trabalho, as publicações que eram contrárias ao Varguismo eram silenciadas, como expõe Nirez.

### **TEC: Nirez - Áudio 2**

INÍCIO- 01:57 A censura...

FIM- 03:25 ... por exemplo.

[...] *A censura que houve na música foi quando a música transmitia algo contra o que ele, Getúlio, achava que era contra a educação que ele gostava, que ele preconizava. Então, como exemplo daquele “o Bonde de São Januário leva mais um sócio otário sou eu que vou trabalhar”, isso aí é contra o trabalho, né, e ele, o Governo dele, era basicamente a favor do trabalho e principalmente do trabalhador. Antes do Getúlio Vargas e eu tenho quase de um testemunho, porque meu pai trabalhava na Light, pintando bondes elétrico e ele trabalhava 18 horas por dia e foi Getúlio Vargas que trouxe a lei trabalhista e fez com que se trabalhasse somente 8 horas por dia, que tivesse descanso semanal, tivesse férias, isso tudo vem com Vargas. Então o valor que ele deu ao trabalhador brasileiro e assim que ele conquistou o Brasil. E a hora do Brasil, por exemplo,*

INÍCIO- 03:42 Sempre foi...

FIM- 04:16 ... pai dos pobres.

[...] *sempre foi um programa enfadonho, porque era só leitura de leis, mas a maioria da população gostava de ouvir, porque eles gostavam de Vargas, a população em geral gostava de Getúlio Vargas. E a população quanto mais pobre mais gostava das atitudes do Governo Vargas, por isso é que ele foi considerado o pai dos pobres.*

**LOC2 GLENDA:** O conteúdo de **Bonde São Januário** e de outras muitas músicas tinha como temática o trabalhismo e a importância do labor para a dignificação da sociedade. Durante os anos de Varguismo, dezenas de canções foram publicadas, como é o caso de **O Que Será de Mim, Zé Marmita, Barnabé, Eu Trabalhei** e diversas outras. Mas, a mais emblemática continua sendo **Bonde São Januário**. E é ela que você ouve agora, na voz de **Cyro Monteiro**, numa composição de **Wilson Batista e Aaulfo Alves**.

### **TEC: BONDE SÃO JANUÁRIO - CYRO MONTEIRO**

**LOC1 ERIC:** Você ouviu **Bonde São Januário**, composição de **Wilson Batista e Aaulfo Alves**, na voz de **Cyro Monteiro**.

### **TEC: SOBE BG**

**LOC1 ERIC:** Glenda, nem só de rádio vivia a comunicação do Governo Vargas. O carnaval, que é esta festa que conhecemos até hoje, também era sucesso nos anos de mil

novecentos e trinta. Qual foi a estratégia do Governo para difundir esses seus ideais no meio da multidão?

**LOC2 GLENDA:** Exato, Eric! Sabendo que o público-alvo das mensagens do Getulismo eram as camadas mais populares da sociedade, o Governo investiu muito em sambas e marchinhas que iam ser veiculadas nos blocos de carnaval e nas escolas de samba. Essas tiveram o seu primeiro desfile oficial em mil novecentos e trinta e dois, quando Vargas já comandava o Brasil. A partir de mil novecentos e trinta e sete, aliás, as escolas eram obrigadas a trabalhar com temas de caráter histórico, didático e patriótico.

**LOC1 ERIC:** O Presidente sempre entendeu o poder do carnaval e desses ritmos, tendo a ciência que era possível dialogar com a população sem ser da maneira engessada do Hora do Brasil. A propaganda ideológica de Getúlio era mais propensa a ser entendida e aceita a partir de uma linguagem que fosse acessível à população, sejam essas mensagens sobre a identidade nacional ou sobre os valores difundidos pelo Varguismo.

**LOC2 GLENDA:** Entre os valores defendidos, o mais importante, sem sombra de dúvidas, era o trabalhismo. A marca maior do Varguismo era explorada em músicas, filmes e demais meios de comunicação. Entretanto, a malandragem, que, especialmente no Distrito Federal, tinha vários simpatizantes, sempre foi um dos grandes desafetos de Vargas.

**LOC1 ERIC:** A solução que Getúlio encontrou para acabar com a malandragem foi a repressão. No caso das músicas, a censura imposta pelo DIP. Poucas composições malandras tem sua data de lançamento coincidindo com o ápice do Varguismo, que foi justamente entre mil novecentos e trinta e sete e mil novecentos e quarenta e cinco. No entanto, existem obras que foram lançadas já com Getúlio na Presidência, como é o caso de "**O Que Será de Mim**", escrita por **Ismael Silva**, um dos maiores sambistas da história do Brasil. Para exemplificar como a dualidade trabalhismo/malandragem era presente no Varguismo, você vai ouvir, agora, duas composições: "**O Que Será de Mim**", de **Ismael Silva**, lançada em mil novecentos e trinta e um; e "**Eu Trabalhei**", composta por **Jorge Faraj e Roberto**

**Roberti** em mil novecentos e quarenta e um. A música é cantada pelo cantor das multidões, **Orlando Silva**.

### **TEC: O QUE SERÁ DE MIM//EU TRABALHEI - ORLANDO SILVA**

**LOC2 GLENDA:** Você ouviu as músicas "**O Que Será de Mim**", de **Ismael Silva**; e "**Eu Trabalhei**", composta por **Jorge Faraj** e **Roberto Roberti** e interpretada por **Orlando Silva**.

### **TEC: SOBE BG**

**LOC2 GLENDA:** Eric, embora Getúlio fizesse o possível para defender o trabalhismo, a situação do trabalhador brasileiro nunca foi a ideal.

**LOC1 ERIC:** Exatamente, Glenda. Mesmo com os reais avanços nas leis trabalhistas e com a máquina pública usando propagandas para tentar legitimar o Estado brasileiro como um defensor do trabalhador, muitos ainda viviam em estado de extrema pobreza.

**LOC2 GLENDA:** Embora Getúlio e o DIP tentassem, a todo custo, censurar as produções que evidenciassem a situação precária do trabalhador brasileiro, muitas músicas foram compostas neste período, como é o caso de **Barnabé, Zé Marmita, Falta Um Zero No Meu Ordenado, Tenha Pena de Mim, A Mulher do Leiteiro e Pedreiro Waldemar** .

**LOC1 ERIC:** Com o fim do Estado Novo, em mil novecentos e quarenta e cinco, e com a chegada de Dutra à Presidência, a censura, outrora recorrente no Vargasismo, passou a ser mais branda. No novo Governo, as composições críticas ao poder foram lançadas com mais frequência, já que a liberdade permitia que essas opiniões fossem emitidas. Wagner Castro, historiador e professor universitário, explica sobre como, após épocas de censura, as produções, que antes eram proibidas, vieram com mensagens ainda mais fortes.

**TEC: Wagner - Áudio 9:**

INÍCIO- 00:04 Invariavelmente isso...

FIM- 00:42 ... a constituição de 46.

*[...] Invariavelmente isso acontece, quando acaba a ditadura, houve um repressivo ditatorial, então obviamente a censura para, né, quando o Governo Dutra chegou ao poder, época da, a democracia venceu, acabou o nazifascismo, acabou a Alemanha, acabou a Itália, acabou o Japão, né, assim, os tiros democratas, países europeus, a França, a Inglaterra e os Estados Unidos venceram a guerra, então, a democracia à vista, a democracia ganhou e tal. Então, o Dutra foi eleito, inclusive sem gosto do Vargas, né, assim, e chegou ao poder, na verdade era um militar de carreira, e criticava, fez a constituição de 46.*

**LOC1 ERIC:** Acaba a ditadura do Estado-Novo e com a liberdade de expressão sendo permitida no Brasil, as mensagens expostas pelos compositores durante o Governo Dutra foram mais contundentes. O historiador Wagner Castro explica que esta não é uma condição unicamente do final do Vargasismo.

**TEC: Wagner - Áudio 9:**

INÍCIO- 01:03 Então a constituição...

FIM- 01:37 ... Titãs, tal, né.

*[...] Então a constituição de 46 é uma constituição promulgada, digamos, dita democrática, assim. Então qual a lógica? Os caras acabam a censura, as pessoas, os compositores passaram a compor e tal, mas o que é normal também, né, se você pegar aqui e invariavelmente aqui acolá tinha um compositor que emitia outras críticas, não mais talvez a violência, mas a questão social, a questão da miséria. Exemplo disso, acabou o regime militar aqui no Brasil, em 85, né, assim e final de 80 vai aparecer quem? Cazusa, tal, Titãs, tal, né.*

INÍCIO- 02:01 Então os caras...

FIM-02:09 ... questão política.

*[...] Então os caras vão pra outro viés, um viés social, né, uma crítica a miséria, uma crítica a violência, é uma questão política.*

INÍCIO- 02:32 Social, crítico...

FIM-02:46 ... época, tá legal.

*[...] Social, crítico, mas aquela coisa se dilui mais na política do momento, isso é mais ou menos normal. O que aconteceu mais ou menos com os sambas, é da época, tá legal.*

**LOC2 GLENDA:** Após a ditadura do Estado Novo, as músicas críticas às condições dos trabalhadores brasileiros foram ficando cada vez mais constantes. Entre as mais emblemáticas está "**Pedreiro Waldemar**". Lançada em mil novecentos e quarenta e nove, a música composta por **Wilson Batista e Roberto Martins** retratava a rotina de Waldemar, um funcionário da construção civil.

**LOC1 ERIC:** Waldemar, embora mestre no ofício, construía o edifício e não podia entrar. Quando tinha almoço, nem sempre tinha jantar. A música expunha a situação precária dos trabalhadores do Brasil. No Estado Novo certamente teria sido censurada pelo DIP, tendo em vista que este departamento era o responsável pelo controle das obras musicais veiculadas durante o regime.

**LOC2 GLENDA:** É isto, Eric. Mesmo com a situação dos trabalhadores não sendo a ideal, o Governo Vargas passava a imagem de que eles eram valorizados pelo país e, principalmente, pelo regime. O sucesso desta estratégia foi comprovado nas eleições de mil novecentos e cinquenta, em que Getúlio foi eleito, principalmente, pelo voto das camadas menos abastadas da sociedade.

### **TRILHA: AQUARELA DO BRASIL (INSTRUMENTAL)**

**LOC1 ERIC:** Nesta parte do programa, vimos como Getúlio usou o rádio, o samba e o trabalhismo para legitimar o seu Governo antidemocrático. Encerramos aqui o segundo e último bloco do programa **GETÚLIO NAS ONDAS DO RÁDIO**. Esperamos ter contribuído para somar informações sobre a comunicação política no Governo Vargas. Foi um prazer estar aqui com você!

**LOC2 GLENDA:** **GETÚLIO NAS ONDAS DO RÁDIO** teve produção, roteiro e locução por Eric Viana e Glenda Valverde. Gravação de Everardo Sousa e Fernando Maia. Edição Igor Vieira. Orientação e Supervisão da Professora Cida de Sousa. Para encerrar o programa, vamos juntos ouvir "**Pedreiro Waldemar**", composição de **Wilson Batista e**

**Roberto Martins** lançada em mil novecentos e quarenta e nove, e na voz de **Blecaute**, o general da banda. Somos gratos por sua atenção!

**TEC: PEDREIRO WALDEMAR**